



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

EGLE TORRES NUNES DOS SANTOS

O USO E A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO ENSINO DE JESUS

BELÉM – PARÁ
2011



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

EGLE TORRES NUNES DOS SANTOS

O USO E A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO ENSINO DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial; orientador: Prof. Me. José Carlos de Lima Costa.

**BELÉM – PARÁ
2011**

SANTOS, Egle Torres Nunes dos.

O USO E A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO ENSINO DE JESUS

Belém: 2011, 63p.

I TEOLOGIA BÍBLICA.

2 – Parábolas – uso e funções. II título

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL

CDD 226.46

NOMINATA

MANTENEDOR DA FATEBE

Seminário Teológico Batista Equatorial - STBE

Diretor Geral

Dr. David Bowman Riker, Ph.D.

A FATEBE

Diretor Geral

Dr. David Bowman Riker, Ph.D.

Diretor Acadêmico

Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Diretor Administrativo-Financeiro

Pr. Antonio Ronaldo Fermiano de Souza

Secretária e Gestora Acadêmica

Profª. Esp. Gabriela Nunes Campos

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação / Coordenador de TCC

Prof. Me. Élcio Sant'Anna

Coordenador Acadêmico (Teologia)

Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Professor Orientador

Me. José Carlos de Lima Costa

Composição do Texto

Egle Torres Nunes dos Santos

O USO E A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO ENSINO DE JESUS

EGLE TORRES NUNES DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista Equatorial; orientada pelo Prof. Me. José Carlos de Lima Costa.

Banca Examinadora:

1. _____
Me. José Carlos de Lima Costa – Prof. Orientador
2. _____
Benildo Veloso da Costa – Prof. Avaliador
3. _____
Josué da Silva de Lima – Prof. Avaliador

Aprovado em: 27/01/2012

Conceito: 9,7

Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a Ele seja a glória e o domínio, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Senhor Soberano, que me deu sabedoria, capacidade e discernimento para aguentar a pressão e concluir o curso e este trabalho;

Ao meu mui querido e amado esposo, Kelvin Pereira dos Santos, por seu amor incondicional, enorme paciência, cuidado, cumplicidade e, auxílio, fundamentais para o êxito desta tão difícil jornada. Amo-te muito;

Aos meus tão queridos pais, Dalzira Torres Nunes e Jazon Nunes dos Santos, que sempre nos apoiaram prontamente em nossas decisões, principalmente nos momentos difíceis; que contribuíram para o nosso sucesso e, essencialmente, nos sustentaram através de seus esforços financeiros e de suas orações;

A minha querida sogrinha, Aldenoura Pereira dos Santos, que sempre se fez presente com seu apoio, seus conselhos, orações e sustento financeiro; também ao meu sogro, Wilson Gama dos Santos, por sua presteza, amizade e auxílio; muito obrigada;

Aos meus tios, Etelvino e Naide Ferreira, por seu carinho, amizade, preocupação e por toda ajuda financeira, indispensável para nosso sustento e vitória;

Aos meus amados e queridos irmãos – Telma e Jaelson – cunhados – Gidevaldo, Natália, Aldinan/Fátima Próspero e Thelis/Fátima Duarte, e sobrinhos – Vinícius, Nicholas, Larissa, Bruno e André – por seu grande amor, constantes provas de carinho e também por incentivarem e apoiar-nos com presteza;

A minha amada Igreja Batista em Avelino Lopes-PI por seu total apoio, amor, ensino, zelo, compreensão, respeito e sustento financeiro e espiritual durante todo nosso curso;

A todos os amigos e irmãos, tanto os de perto quanto os que estão longe, por sempre nos incentivarem e contribuírem direta e/ou indiretamente para o êxito de nossa formação;

A todo o corpo docente da FATEBE/STBE, na magnífica pessoa do Dr. Pr. David Bowman Riker, Ph.D., por sua consideração, estímulo e exemplo de dedicação ao ensino;

Ao coordenador acadêmico, Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior, por sua amizade, estima, presteza, apoio e grande incentivo a toda turma;

Ao meu orientador, Prof. Me. José Carlos de Lima Costa, por seu apoio, incentivo, paciência, e, principalmente, por suas valiosas e fundamentais orientações acadêmicas;

Aos colegas de classe por sua amizade, auxílio, orações e, até mesmo, por criticar-nos em alguns momentos.

Fazendo uso da parábola, Jesus procurou confiar as verdades espirituais do seu Reino ao entendimento e ao coração dos homens. Ao adotar um método reconhecido pelos mestres judeus, Cristo atraiu mentes e prendeu atenções. Os homens tinham de ser conquistados, e a parábola era o melhor método disponível para conseguir isso. Além do mais, Jesus foi extraordinário no uso das parábolas.

Herbert Lockyer

RESUMO

O presente trabalho objetiva esclarecer aos cristãos e a quem interessar a função das parábolas no ensino de Jesus. Pelo fato das parábolas serem um material de grande importância para a vida de toda Igreja de Cristo, e por se saber que elas representam aproximadamente um terço de todo o material dos ensinamentos de Jesus que se encontram registrados, acredita-se na relevância do tema para os dias atuais. A metodologia se dá por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica com base em autores renomados. Apresenta, para tanto, uma conceituação do termo parábola através da etimologia da palavra, de variadas definições e de características gerais, seguidas de exemplos. O trabalho faz um apanhado do emprego das parábolas por Jesus, ao mostrar sua origem e natureza, seus principais tipos e as mais importantes características. Porém, enfoca principalmente as características específicas das parábolas de Jesus. A pesquisa tenta mostrar que uma das funções das parábolas de Jesus, a qual é apresentada pela maioria dos autores pesquisados, é a de facilitar a compreensão dos ouvintes da mensagem do Mestre. Elas visam revelar as verdades espirituais do reino de Deus àqueles que são seus seguidores (Mt 4.11a). Mas também aborda a função que as parábolas têm de ocultar essas mesmas verdades para aqueles que são “de fora” (Mt 4.11b), ou seja, aqueles que se opõem ao Senhor Jesus e o rejeitam. O ponto de partida do trabalho é a resposta que o próprio Jesus deu aos seus discípulos ao ser perguntado sobre o assunto. O trabalho propõe, então, que para se entender as verdades apresentadas nas parábolas, é necessária a compreensão da intenção ou do propósito do próprio Jesus ao proferi-las.

Palavras-chave: Jesus, parábolas, ensino, funções, verdades espirituais, revelar, ocultar.

ABSTRACT

This paper aims to clarify to Christian people and to the ones that are interested in the function of the parables in Jesus's teaching. Because the parables are a material of great importance for the life of each church of Christ, knowing that estimates were made and the parables are approximately one third of all Jesus' teaching material that is registered, it is believed in relevance of the topic nowadays. The methodology of this work is through careful and detailed literature searches based on well-known authors. Showing a conceptualization of the term parable through the etymology of the word, a variety of definitions and general characteristics followed by examples. Providing an overview of Jesus' parables showing their origin and nature, its main types and the most important features, however, specific characteristics of Jesus' parables. This work Tries to show clearly and simply one of the functions of Jesus' parables, which is presented by the most of the authors surveyed, that is to facilitate understanding, to facilitate listeners' comprehension and to reveal the spiritual truths of God's kingdom for the ones that are his followers (Mt 4.11a). But it also addresses the function of hiding these same truths for the ones who are "outside" (Mt 4.11b), the ones that are against and reject the Lord Jesus and it is based on Jesus' answer to his disciples. Thus, this paper proposes that to understand the truths presented in the parables, through a correct interpretation, is only possible after understanding the intention and purpose of Jesus himself when he uttered them.

Key words: Jesus, parables, teaching, functions, spiritual truths, revealing, hiding.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	1-12
1. INTRODUÇÃO	13
2. A CONCEITUAÇÃO DE PARÁBOLA	15
2.1 ETIMOLOGIA DA PALAVRA	16
2.2 DEFINIÇÃO DE PARÁBOLA	20
2.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS PARÁBOLAS	24
3. AS PARÁBOLAS EM JESUS	30
3.1 ORIGEM E NATUREZA	31
3.2 TIPOS	34
3.3 CARACTERÍSTICAS DAS PARÁBOLAS EM JESUS	41
4. A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO ENSINO DE JESUS	47
4.1 A FUNÇÃO DE REVELAR	48
4.2 A FUNÇÃO DE OCULTAR	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6. REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de deixar claro a todos os cristãos e a quem mais interessar que as parábolas de Jesus são um importante material para a Igreja de todos os tempos. Pretende salientar que elas merecem cuidado e atenção especial, pois o Senhor Jesus as utilizou com muita propriedade, fazendo delas o mais importante meio para comunicar as verdades espirituais do reino de Deus a todos que o ouviam e também a nós que temos acesso a elas hoje através dos evangelhos. A presente pesquisa pretende, então, fazer um criterioso e detalhado estudo analítico sobre **O Uso e a Função das Parábolas no Ensino de Jesus**.

Diante do surgimento de novas igrejas e denominações, é possível perceber claramente a decadência, ou melhor, a distorção dos ensinamentos bíblicos. São inúmeras as heresias nos dias atuais. Muitas igrejas têm distorcido a verdade buscando favorecimento próprio. E a maioria delas utiliza textos bíblicos, incluindo parábolas, de maneira errônea, na tentativa de engodar e manipular as pessoas que, por não conhecerem ou não saberem interpretar as Escrituras da forma correta, acabam caindo no conto do vigário. Muitos o fazem por pura ignorância. De qualquer maneira, essa realidade precisa ser mudada, e esta pesquisa pretende esclarecer o tema proposto entendendo que se trata de um dos pilares fundamentais para que as pessoas compreendam essa importância e procurem, através do conhecimento do propósito de Jesus ao utilizar as parábolas, interpretá-las da maneira correta.

Para alcançar o objetivo proposto, primeiramente será necessário explicar, de forma clara e objetiva, o conceito de parábola, através da apresentação da etimologia da palavra, de diversas e importantes definições e de suas principais características gerais. Em seguida, pretende-se especificar as parábolas em Jesus, mostrando sua origem e natureza, seus principais tipos e as características próprias de seu emprego por Jesus. Finalmente, será abordada a função das parábolas ao serem utilizadas especificamente por Jesus na propagação de sua mensagem. As duas funções apresentadas serão: a de revelar e a de ocultar as verdades espirituais acerca do Reino de Deus.

O primeiro capítulo abordará a conceituação das parábolas, explicitando que o termo parábola (*παραβολή*) vem do grego *παραβάλλω*, uma junção da preposição (*παρά*), que significa ‘lado a lado’, com o verbo (*βάλλω*), que significa ‘jogar’, ‘trazer’, ‘colocar’. Etimologicamente, portanto, pode ser traduzido por: “jogar ao lado de”, “manter ao lado de”, “comparação”; “colocação ao lado”, “reunião”, “aventura”. O capítulo apresentará algumas definições, deixando claro que a parábola é uma narração de um fato real, ou não, que utiliza a comparação de realidades do cotidiano com o objetivo de ensinar alguma verdade espiritual tendo a intenção de fazer o ouvinte reagir e buscar mudanças em sua vida. Mostrará também que as parábolas apresentam características gerais, como por exemplo, a utilização de elementos extraídos do cotidiano, elementos poéticos, e que elas apresentam um elemento comparativo implícito ou explícito.

No segundo capítulo serão analisadas as parábolas em Jesus, onde se relatará sua origem e natureza, partindo do reconhecimento de que Jesus não criou esse método, mas que o utilizou de maneira ímpar; que Ele sabia que a parábola era um método milenar utilizado, inclusive por rabinos, mas que pôde imprimir suas próprias características. Nesta parte, apontar-se-ão também os principais tipos de classificação das parábolas e se abordará suas principais características.

O terceiro e último capítulo trará duas das mais importantes funções das parábolas proferidas por Jesus, de acordo com os estudiosos pesquisados. Tentará explicar que uma destas funções é a de revelar as verdades espirituais do reino de Deus aos seus seguidores, e isso, baseado em textos nos quais o próprio Jesus responde por que falava por parábolas. Através destes mesmos textos, a pesquisa abordará a outra função das parábolas, apontada por Jesus, que é ocultar a verdade do reino aos ‘de fora’, ou seja, esconder a verdade daqueles que rejeitam os seus ensinamentos.

O trabalho será concluído, trazendo ao leitor a compreensão de que Jesus não tinha a intenção de ocultar propositalmente a verdade do seu reino – embora isso tenha acontecido a todos os que se recusaram a segui-lo – mas de revelá-la através de suas inigualáveis parábolas. Sua intenção era que o homem o aceitasse e o buscasse sinceramente, e assim, compreendesse a sua mensagem de salvação.

2. A CONCEITUAÇÃO DE PARÁBOLA

A parábola é um gênero literário de grande relevância nos ensinamentos de Jesus. De acordo com Carl Heinz Peisker fez-se uma estimativa de que aproximadamente um terço de todo o ensino de Jesus que está registrado, encontra-se em forma de parábola e declarações parabólicas¹, sendo quarenta parábolas e vinte declarações parabólicas². A parábola, em seu sentido mais comum, é uma forma de comunicação empregada para ilustrar e persuadir mediante uma figura. A fala figurada era muito utilizada nos escritos antigos, inclusive na Bíblia, e tinha a intenção de dar expressão concreta, original e desafiadora a idéias religiosas que não tinham conceitos abstratos correspondentes. Ainda hoje esse tipo de comunicação é parte integrante da vida cotidiana, entretanto, a nível filosófico e teórico, a linguagem religiosa deve ser interpretada em termos de abstrações e conceitos relativos a uma cosmovisão contemporânea.³

Diante de tal constatação percebe-se claramente a necessidade de deixar claro de onde vem o termo parábola, ou seja, explicitar sua etimologia, para poder traçar a sua definição e características de tal maneira que se compreenda bem sua importância e não se cometa equívocos na hora de interpretá-las.

Afinal, essa interpretação só será feita corretamente através da compreensão correta do real significado de uma parábola, o que nos permitirá, então, entender seu uso e a sua verdadeira função.

¹ PEISKER, Carl Heinz. **Parábola, Alegoria, Provérbio**. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Em dois volumes. Tr. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 1566.

² Há muitas discrepâncias sobre essas quantidades, tanto de parábolas propriamente ditas quanto, simplesmente, de ações parabólicas. Por exemplo, enquanto que Russel Norman Champlin aponta 41 parábolas de Jesus (CHAMPLIN, Russell Norman. **Problema Sinóptico**. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 5. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 418), Roy Zuck apresenta apenas 35 (ZUCK, Roy B. **A Interpretação Bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tr. César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 228-229).

³ PEISKER. Op. Cit., p. 1566.

2.1 ETIMOLOGIA DA PALAVRA

O termo parábola (*παραβολή*), desde a época de Platão e de Isócrates, deriva de *παραβάλλω*,⁴ segundo Claiton André Kunz, uma junção da preposição (*παρα*), que significa ‘lado a lado’, com o verbo (*βάλλω*),⁵ ‘jogar’, ‘trazer’, ‘colocar’. O significado etimológico do termo, portanto, pode ser: “jogar ao lado de”, “manter ao lado de”, “comparação”; “colocação ao lado”, “reunião”, “conjunção” (termo técnico da astronomia); “aventura”; “parábola” de uma seção cônica (termo técnico da matemática). De acordo com o primeiro significado citado, a parábola (*παραβολή*) ficou sendo utilizada para designar, tecnicamente, uma forma específica de fala que se diferencia das demais figuras de linguagem, empregadas na retórica clássica: imagem - *εἰκών* (*eikōn*); metáfora - *μεταφορα* (*metaphora*); comparação - *ὁμοιῶσις* (*homoiōsis*); história ilustrativa - *παραδειγμα* (*paradeigma*); e, alegoria - *ἀλληγορία* (*allēgoria*). Cada um desses termos tem suas particularidades e também algumas semelhanças entre si. Porém, o que caracteriza todos eles é o fato da linguagem figurada ter sido retirada principalmente da vida na qual a realidade é acessível a todas as pessoas.⁶ É muito mais simples entender algo através de ilustrações e linguagem figurada que condizem com nossa vida cotidiana do que simplesmente através de meros conceitos teóricos. Ter em mente algo que se concretiza através de nossas ações para se fazer uma comparação, torna mais clara e viável a nossa compreensão.

Na Septuaginta (LXX), tradução grega do Antigo Testamento, o termo *parabolē* sempre equivale ao verbo ou substantivo hebraico *משל* (*mashal*), que significa – um ‘ditado’ que contém uma comparação ou escárnio; um ‘dito sábio’, ou seja, a instrução pela sabedoria; ou ainda, a própria forma parabólica. Originalmente, o verbo significava ‘ser semelhante’, ‘como’ e provavelmente o substantivo ‘comparação’, ‘assemelhação’. No decorrer da história, no entanto, o termo adquiriu um extenso campo semântico, pois passou da fala popular para a linguagem da sabedoria e mais tarde, para a fala profética. Tanto a LXX quanto os rabinos e o Novo Testamento, adotaram todo este arcabouço teórico com seus conteúdos diferenciados.⁷

⁴ Ibid., p. 1566-1567.

⁵ KUNZ, Claiton André. **Parábolas**. In: BORTOLLETO, Fernando. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo-SP: ASTE, 2008. p. 743.

⁶ PEISKER. Op. Cit., p. 1567.

⁷ Ibid., p. 1568.

Na linguagem popular מִשְׁלָּה significa primeiramente um ‘provérbio’, podendo conter frequentemente uma comparação, como por exemplo, nos textos de Ez 18.2 e de I Sm 10.12; 24.14. Todavia, מִשְׁלָּה também pode significar ‘escárnio’, como em Hc 2.6 e Is 14.4, se o ditado ou comparação refere-se a uma pessoa que faz pouco caso dela mesma como mau exemplo. Com o passar do tempo, os sábios usavam מִשְׁלָּה como termo técnico significando um ‘ditado sábio’, riquíssimo em comparações (veja Pv 26.7 e 9) e a ‘instrução dos sábios’. Já no âmbito da profecia, מִשְׁלָּה ocorre como ‘provérbio’ e ‘escárnio’, porém, também pode ocorrer estando presente apenas o objeto que o designa, embora a palavra não apareça. O termo aparece também na maioria das formas parabólicas. Quanto mais recente for a data de utilização da palavra, tanto mais desenvolvidas são as formas que se colocam em primeiro plano para clarificar, fortalecer e dar mais urgência à mensagem profética. Todos os significados que se desenvolveram no decurso do tempo, estão inclusos nos escritos rabínicos e embora haja uma predominância de puras parábolas, acham-se mais alegorias à medida que a data dos escritos avança.⁸

Com o esclarecimento de tais informações, pode-se constatar que as parábolas já existiam na a época do Antigo Testamento e que os rabinos já as utilizavam como método de ensino. De acordo com o autor Russell Norman Champlin, são alistadas por eruditos, onze parábolas no Antigo Testamento. A ocorrência destas parábolas está distribuída do seguinte modo: Nm 23.24; Jz 9.7-15; II Sm 12.1-5; 14.6-9; I Rs 20.35-43; II Rs 14.9; Is 5.1-7; e, Ez 17.3-10; 19.2-9; 24.3-5; e 24.10-14.⁹

O termo *παραβολή* no Novo Testamento só ocorre nos Evangelhos Sinópticos (48 vezes) e em Hebreus (2 vezes). Das duas vezes que aparece em Hebreus, é visto como *παραβολή*, o ritual do tabernáculo (simbólico) do tempo da salvação (9.9), e a restauração de Isaque como figura da ressurreição (11.19). Em Mateus 15.15 ou Marcos 7.17 este mesmo termo significa uma ‘declaração’ e em Lucas 4.23 significa um ‘provérbio’. Nos demais casos, tem o significado de parábola, porém, dentro dos mais variados sentidos da palavra.¹⁰

Diante destas descobertas faz-se necessário trazer um breve esclarecimento sobre o significado de cada um desses sentidos. Embora alguns autores não façam distinção entre eles e haja mais semelhanças do que diferenças entre parábola e outros métodos literários

⁸ Ibid., p. 1568.

⁹ CHAMPLIN. **Parábola**. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol. 5. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 63.

¹⁰ PEISKER. Op. Cit., p. 1569.

especiais, Henry Virkler classifica-as como símile, metáfora, provérbio, ditado figurado e alegoria.¹¹ Portanto, é de grande importância tentar distinguir essas várias formas para que não se faça nenhuma confusão entre elas.

Para Joachim Jeremias, nos últimos anos, a tentativa de classificar as parábolas em categorias distintas (metáfora, comparação, parábola, semelhança, alegoria, etc.) foi um esforço vão, pois o מִשְׁלֵּה abrange todas essas categorias e muita coisa mais, sem qualquer distinção. O mesmo autor acrescenta que mesmo no judaísmo pós-bíblico, sem que se possa fazer um quadro esquemático, o מִשְׁלֵּה hebraico e o *matla* aramaico designava toda sorte de linguagem figurada: parábola, comparação, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo (tipo), motivo, argumentação, apologia, objeção e piada. Correspondo a esses termos, tem a palavra grega *παραβολή* no Novo Testamento, com o sentido tanto de parábola como de comparação (Lc 5.36; Mc 3.23), e de figura simbólica (Hb 9.9; 11.19; Mc 13.28). O termo também pode ser traduzido como: provérbio, máxima (Lc 4.23), enigma (Mc 7.17) ou simplesmente regra (Lc 14.17). Portanto, para Jeremias, querer forçar as parábolas a entrarem no quadro das categorias da retórica grega, seria impor às parábolas de Jesus uma norma que lhes é estranha.¹²

Em relação a essas várias formas de parábola ou esses métodos literários especiais, após apresentar breves conceitos de símile, metáfora, parábola e alegoria, Virkler resume que:

Nos símiles e nas parábolas as comparações se acham expressas e separadas, enquanto nas metáforas e nas alegorias não se acham expressas, mas entremescladas. Numa parábola há separação consciente da história e sua aplicação, ao passo que na alegoria há entremescla das duas. Os provérbios podem ser considerados ou como parábolas condensadas ou como alegorias condensadas.¹³

Ainda sobre esse assunto, C. H. Peisker reforça algumas diferenças básicas entre essas formas. Para ele, nos *ditados figurados* a figura e a realidade aparecem lado a lado sem a presença de um advérbio (‘como’), a fim de que a figura, que é conhecida, elucide a realidade desconhecida. Já a *metáfora*, que é uma expressão figurada onde um nome ou termo

¹¹ VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. Tr. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo-SP: Vida, 2001. p. 122.

¹² JEREMIAS, Joachim. **As Parábolas de Jesus**. 10. ed. Tr. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2007. p. 13.

¹³ VIRKLER. Op. Cit., p. 124.

descritivo se aplica a algum objeto ao qual não é aplicável de modo literal e apropriado, implica normalmente em transferência do concreto para o abstrato (cf. Is 5.1-7, que retrata Israel como noiva e vinha, com Mt 21.33-46; Mc 12.1-12; e Lc 20.9-19). Ela coloca a figura no lugar da realidade e não lado a lado com a realidade. No *símile*, que é uma frase na qual a realidade e a figura são colocadas lado a lado com um advérbio de comparação, há apenas um ponto principal de comparação (cf. Mt 10.16; Lc 11.44). A *alegoria*, uma história livremente inventada, diz alguma coisa diferente daquilo que aparece na superfície, ao empilhar metáfora sobre metáfora. A alegoria, assim como a metáfora, baseia-se em convenções e somente pode ser entendida quando se conhece as metáforas que a subjaz, as quais devem ser traduzidas passo a passo, e isto quando se conhece o assunto que retratam. Por isso, ela é inteligível somente para os iniciados, afinal, sua função é avaliar os fatos conhecidos e não torná-los conhecidos (cf. Ez 17.12-21).¹⁴

Para Herbert Lockyer, o que diferencia *símile* de metáfora é o fato de o *símile* ser apenas um estado de semelhança, enquanto que a metáfora transfere a representação de forma mais vigorosa, como é possível constatar nas passagens de Is 40.6-7 e I Pe 1.24. Mesmo que os princípios da parábola estejam presentes em alguns dos pequenos provérbios, das declarações proféticas enigmáticas e das máximas enigmáticas da Bíblia (cf. I Sm 10.12; Sl 78.2; Pv 1.6; Mt 24.32; Lc 4.23), eles diferem do provérbio propriamente dito, que em geral, é breve e trata de assuntos menos sublimes e não se preocupa em contar histórias. A metáfora, de maneira inconfundível, afirma que uma coisa é outra totalmente diferente (cf. Salmos 84.11 – “Pois o Senhor Deus é sol e escudo”; e 91.2 – “Ele é o meu refúgio e fortaleza”). O Evangelho de João não apresenta parábolas propriamente ditas, mas traz uma série de metáforas - “Eu sou o bom pastor” (10.11); “Eu sou a videira verdadeira” (15.1); “Eu sou a porta” (10.7); “Eu sou o pão da vida” (6.35); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (14.6). A alegoria não é uma metáfora ampliada e dela difere por não comportar a transferência de qualidades e de propriedades. Lockyer afirma que tanto as parábolas quanto as metáforas abrangem expressões e frases que servem para desvendar e explicar algumas verdades ocultas que não poderiam ser facilmente compreendidas se não tivessem essa roupagem.¹⁵

Para reforçar seu pensamento, Lockyer cita o argumento do Dr. E. W. Bullinger que defende que existe uma grande controvérsia sobre a definição e o significado exato de

¹⁴ PEISKER. Op. Cit., p. 1569-1570.

¹⁵ LOCKYER, Herbert. **Todas as Parábolas da Bíblia: uma análise detalhada de todas as parábolas das Escrituras**. São Paulo: Vida, 1999. p. 13-15.

alegoria e declara que tanto os símiles, quanto as metáforas e as alegorias, são baseados na comparação. Então, símile é a comparação por semelhança, e essa comparação é afirmada; metáfora é a comparação por correspondência, nela, a comparação é substituída; e a alegoria é a comparação por implicação, a comparação está subentendida.¹⁶

Lockyer aborda ainda sobre fábula e tipo, mas sempre ressaltando as diferenças existentes entre esses termos e a parábola.¹⁷ Pode-se, então, afirmar que, embora não exista um consenso sobre a definição e a atuação desses termos, nem tão pouco sobre sua utilização, há diferenças fundamentais entre eles que precisam ser levadas em conta na hora do estudo e interpretação, não só desses estilos, mas principalmente da parábola que também tem suas particularidades.

2.2 DEFINIÇÃO DE PARÁBOLA

Após tratar da etimologia da palavra, é preciso também trazer uma definição exata do termo com o intuito de clarificar ainda mais esse conceito, e principalmente, facilitar sua identificação. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira traz a seguinte definição de parábola: “Narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca outra realidade de ordem superior”.¹⁸ Essa definição, entretanto, é apenas preliminar e deve funcionar simplesmente como a base do arcabouço teórico a ser destrinchado. Sobre as inúmeras definições de parábola, Vincent Cheung explica que:

[...] Ao observar as ocorrências de *masal* sendo traduzidas como *parabole*, uma pessoa pode derivar a variação de significados para a palavra “parábola”. Embora isso nos diga como alguns eruditos têm chegado às suas definições de uma parábola, diferentes eruditos podem usar definições ligeiramente diferentes e, portanto, o que parece ser uma parábola para um, pode não parecer para outro. Contudo, os

¹⁶ BULLINGER, E. W. *Apud* LOCKYER. Op. Cit., p. 15-16.

¹⁷ LOCKYER. Op. Cit., p. 16-17.

¹⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa. Escolar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 513.

desacordos raramente são significantes o suficiente para tornar a comunicação e o estudo significante impossíveis.¹⁹

Para tanto, traremos algumas definições de autores já conceituados no assunto. Na concepção de Paulo Anglada, parábola é: “[...] uma forma de discurso ou literatura empregada com o propósito de ensinar uma lição por meio de experiências ou fatos da vida diária”.²⁰ Uwe Wagner diz que: “Parábolas são narrativas que possuem apenas um ponto de comparação, para o qual conflui o conteúdo”.²¹ Para Russel Norman Champlin:

A parábola é uma narrativa séria, colocada na esfera das probabilidades, isto é, a história narrada na parábola, pode ter acontecido realmente, sendo ilustração das experiências comuns aos homens, e o conteúdo dessa história tem por fito ilustrar, ensinar ou enfatizar um ou mais princípios éticos, morais, doutrinários ou religiosos.²²

De acordo com Claiton André Kunz:

As parábolas são a expressão natural de uma mentalidade que vê a verdade em imagens concretas em vez de concebê-la por meios abstratos. [...] a parábola é um meio próprio do oriental se expressar, diferentemente do modo ocidental. Assim, as parábolas não são necessariamente apenas ilustrações, pois têm um caráter argumentativo e convidam o ouvinte a julgar sobre a situação descrita.²³

Júlio P. T. Zabatiero afirma que:

A parábola é um gênero literário que, formalmente, consiste de uma história “típica”, tirada da realidade cotidiana do ouvinte e lhe oferecendo um exemplo de comportamento ao qual reagir (e.g., “o bom samaritano”, “o juiz iníquo”). Pode, também, consistir de uma comparação entre realidades “espirituais” e da natureza

¹⁹ CHEUNG, Vincent. **As parábolas de Jesus**. Tr. Felipe Sabino de Araújo Neto. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 4.

²⁰ ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à Hermenêutica Reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeua-PA: Knox Publicações, 2006. p. 209.

²¹ WAGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo-RS: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998. p. 207.

²² CHAMPLIN. Op. Cit., p. 57.

²³ KUNZ. In: BORTOLLETO. Op. Cit., p. 743.

(e.g., “O reino dos céus é semelhante ao fermento”; “O reino dos céus é como um grão de mostarda”). Mas a parábola é mais do que mera forma. Tem uma força persuasiva muito grande.²⁴

Zabatiero ainda complementa trazendo uma definição de T. W. Manson que diz:

A parábola é um quadro em palavras de algum trecho da experiência humana, concreto ou imaginado. Mas, além disso, o quadro retrata ou um tipo ético para nossa admiração ou reprovação, ou algum princípio da maneira de Deus dirigir o mundo, ou ainda ambas as coisas. A parábola espelha a compreensão e a experiência religiosa do seu criador [...]. Na sua operação real, pois, toda verdadeira parábola é um apelo a uma vida melhor e a uma confiança mais profunda em Deus, cujos pormenores não são senão o lado divino e o lado humano da verdadeira religião, o verso e o reverso da mesma medalha.²⁵

Herbert Lockyer ressalta que:

Na *parábola*, a imagem do mundo visível é emprestada e se faz acompanhar de uma verdade do mundo invisível ou espiritual. As parábolas são os portadores, os canais da doutrina e da verdade espiritual. A parábola é também a justaposição de duas coisas que divergem na maioria dos seus aspectos, mas concordam em alguns.²⁶

Em seu estudo sobre as ações parabólicas através de uma análise do ensino de Jesus, Claiton André Kunz, afirma que diversos autores classificam as inúmeras formas literárias em gêneros maiores e gêneros menores e que as chamadas ações parabólicas de Jesus encontram-se entre os gêneros menores. Por isso, inicialmente, traz uma definição de parábolas “relatadas” que ele afirma ser a “[...] a narração de certo evento, que, embora possa ocorrer, não se pressupõe que tenha ocorrido de fato”.²⁷

Para reforçar ainda mais sua definição, Kunz cita o conceito de outros autores. Por exemplo, em relação ao sentido lato de parábola, ele traz a afirmação de Thayer que esclarece:

²⁴ ZABATIERO, Júlio P. T. **Parábola, Alegoria, Provérbio**. In: COENEN; BROWN. Op. Cit., p. 1570.

²⁵ MANSON, T. W. *Apud* ZABATIERO. Op. Cit., p. 1570.

²⁶ LOCKYER. Op. Cit., p. 17.

²⁷ KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações**. São Leopoldo-RS: EST; Sinodal, 2007. p. 9.

Parábola, comparação de uma coisa com outra, semelhança, similitude [...]. Uma narrativa, fictícia, mas de acordo com as leis e costumes da vida humana, na qual os deveres dos homens ou as coisas de Deus, particularmente a natureza e história do Reino de Deus estão relatadas.²⁸

De Martínez, que reforça a ideia:

[...] parábola é uma narração, mais ou menos extensa, de um acontecimento imaginário do qual, por comparação, se deduz uma lição moral ou religiosa. Etimologicamente, o nome *parabolê* corresponde ao verbo *paraballô*, que literalmente significa por ao lado, comparar. Em efeito, a parábola se caracteriza porque implica a comparação de objetos, situações ou atos bem conhecidos – tomados da natureza ou da experiência – com objetos ou atos análogos de tipo moral desconhecidos. Daqueles (a imagem) se deduzem estes (a realidade que se pretende ensinar). Imagem e realidade se encontram no *tertium comparationis* o ponto de comparação, comum a ambos.²⁹

Kunz cita também Konings que argumenta que parábolas são: “faíscas de um pensamento vivo e concreto, que iluminam por um momento o conhecimento e dão uma intuição momentânea, que não precisa de explicação”.³⁰

Roy B. Zuck complementa esse conceito de Martínez ao afirmar que a parábola é um tipo de linguagem figurada onde se faz comparações, mas que a comparação ou analogia não é feita utilizando uma só palavra ou expressão, como acontece num símile ou numa metáfora, porém, se faz através de uma ampla analogia em forma de história. Diz também que embora a parábola tenha uma base plausível, ela pode não ter ocorrido verdadeiramente da forma em que foi apresentada, com todos os detalhes. Então, mesmo os acontecimentos históricos podendo servir de ilustrações, as parábolas relatadas são histórias especiais contadas para ensinar certa verdade, mas não significa que necessariamente são fatos históricos.³¹

Para Kenneth Bailey, a definição de parábola sempre traz à tona um debate que nunca chega a um consenso, pois enquanto um estudioso admite haver mais de setenta parábolas nos Evangelhos Sinóticos, outro admite apenas trinta. Segundo ele, presumir que se possa

²⁸ THAYER, J. H. *Apud* KUNZ. Op. Cit., p. 9.

²⁹ MARTÍNEZ, J. M. *Apud* KUNZ. Ibid., p. 10.

³⁰ KONINGS, J. *Apud* KUNZ. Ibid., p. 10.

³¹ ZUCK. Op. Cit., p. 225.

entender, ou capturar tudo que acontece em uma parábola, após ela ser proferida, apenas através de uma definição abstrata, é entender mal a sua natureza, porém, ele ressalta que é preciso tentar e dá a seguinte definição: “As parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir. Elas revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como um filho do reino deve agir”.³²

Após a apresentação e constatação de todos esses conceitos, vale ressaltar que embora não haja uma harmonia total entre eles, é possível perceber pontos comuns que nos dão uma base sólida para a formulação de um conceito. Então, pode-se afirmar que a parábola é uma narração de um fato real, ou não, que utiliza a comparação de realidades do cotidiano com o objetivo de ensinar alguma verdade espiritual. A parábola tem a intenção de fazer o ouvinte reagir e buscar mudanças em sua vida.

2.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS PARÁBOLAS

Após chegarmos ao entendimento do que seja uma parábola, e também de que Jesus, embora as tenha utilizado com muita propriedade, não seja o criador desse gênero, faremos algumas observações de âmbito mais geral acerca das principais características das parábolas. Assim, será possível perceber algumas características básicas que, provavelmente, nos darão maior segurança e precisão no momento de identificá-las.

Como já mencionado, as parábolas foram exploradas por profetas e, posteriormente, por rabinos, daí, podemos entender que, como afirma Champlin, o processo que levou as parábolas a fazerem parte dos escritos sagrados e comentários do povo hebreu foi algo natural, afinal, eles eram grandes contadores de histórias, como se pode constatar através do Antigo Testamento.³³

De acordo com Uwe Wagner, uma parábola rabínica que expressa, com bastante propriedade, a importância das parábolas como meio de comunicação é a seguinte:

³² BAILEY, Kenneth E. **As Parábolas de Lucas: a poesia e o camponês – uma análise literário-cultural**. Tr. Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 13-14.

³³ CHAMPLIN. Op. Cit., p. 63.

Certa vez, a Verdade andava visitando os homens, sem roupas e sem adornos, tão nua como seu nome. Todos que a viam, viravam-lhe as costas, de medo ou de vergonha. Ninguém lhe dava boas-vindas. Assim, a Verdade percorria os confins da terra, rejeitada e desprezada. Uma tarde, ela encontrou a Parábola que passeava alegremente num traje belo, e muito colorido.

– Verdade, por que estás tão abatida? Perguntou a Parábola.

– Porque sou tão velha que os homens me evitam. Replicou a Verdade.

– Que disparate, riu a Parábola. Não é por isso que os homens te evitam.

Toma, veste algumas de minhas roupas, e vê o que acontece.

Então, a Verdade revestiu-se com algumas das lindas vestes da Parábola, e de repente, por toda a parte por onde passava, era bem-vinda.³⁴

Ao analisar as parábolas de uma forma mais geral, uma das primeiras características que podemos notar é que elas costumam se *expressar em forma narrativa*, ou seja, elas são *histórias*, não necessariamente verdadeiras, o que as diferenciam das próprias narrativas bíblicas que são fatos históricos reais. Esta característica das parábolas pode-se verificar perfeitamente na parábola apresentada acima. Essas histórias são sempre contadas com uma intenção, com um propósito. A maioria das parábolas do Antigo Testamento é contada por profetas que traziam a mensagem ou juízo de Deus ao seu povo, e/ou a uma pessoa específica, porém, sempre com o intuito de produzir transformação na vida de seus ouvintes.

Como exemplo do primeiro caso, temos a parábola da vinha má contada, na verdade, cantada, pelo profeta Isaías (5.1-7) para o povo de Jerusalém e de Judá, provavelmente, durante uma festa. Nesta parábola, para enfatizar o afastamento de Israel em relação ao Senhor, o profeta Isaías relata todo o processo de cultivo de uma vinha, que acaba produzindo apenas uvas bravas. Outro exemplo interessante, ocorre em II Sm 12.1-5, em que, para repreender Davi por seu pecado, o profeta Natã conta-lhe uma história. A história tratava da única ovelhinha de um homem pobre que foi tomada por um homem rico que possuía grande número de gado e ovelhas, para ser oferecida a um viajante. Através dessa parábola, Natã estava querendo alertar o rei quanto ao seu pecado em possuir Bate-Seba, mulher de Urias, e também, apresentar a sentença de Deus ao pecado do rei.

É também nítida, nas parábolas, a utilização de elementos já conhecidos do público alvo, isto é, *elementos extraídos do cotidiano*. Por exemplo, lembrando as parábolas acima comentadas, temos o exemplo da vinha e todo o procedimento adotado para seu cultivo, não obstante, esse era um processo bem conhecido pelo povo de Jerusalém, pois era algo comum

³⁴ ANDERSON, A. F.; GORGULHO, G. *Apud* WAGNER. Op. Cit., p. 204.

na vida deles, algo que eles lidavam no seu dia-a-dia; da mesma forma, o trato com as ovelhas e tudo mais que estivesse vinculado a elas, era algo conhecido de Davi, afinal, ele era um pastor de ovelhas antes de ser ungido rei. Além disso, a situação de um grande proprietário de terras e rebanhos se apropriar de bens de pequenos proprietários indefesos, era um fato bem próximo da realidade dos pequenos proprietários israelitas.

Essas constatações nos levam a crer que, normalmente, o conteúdo das parábolas da Bíblia era algo conhecido pelos seus ouvintes, ou seja, era algo que eles certamente não iriam ignorar ao escutarem. Eles faziam parte de seu contexto imediato. Como afirma Robert Stein, prováveis exceções são apenas uma ou duas parábolas do Antigo Testamento. Este é o caso, por exemplo, da parábola das árvores que escolheram um rei sobre si, em Jz 9.7-20 e a parábola das águias e da vinha, que se encontra em Ezequiel 17.2-10.³⁵

Uma terceira característica das parábolas é a *utilização de elementos poéticos*. A poesia, que é um gênero bem presente em toda a literatura hebraica, principalmente no livro dos Salmos, está presente também nas parábolas. Da mesma maneira que qualquer outra língua, o hebraico utiliza o recurso das figuras de linguagem. Uma dessas figuras, que pode ser claramente notada, é a metáfora. A metáfora, classificada como uma figura de palavra, nada mais é do que “o uso de uma palavra com outro sentido que não é o seu, que surge de uma comparação mental entre dois seres”.³⁶ Ou ainda, segundo Ernani Terra, a “metáfora consiste em utilizar uma palavra, ou expressão, em lugar de outra, por haver entre elas uma relação de semelhança”.³⁷

Em se tratando de parábola e metáfora, Klaus Berger, em seu livro sobre formas literárias do Novo Testamento, contesta a tese que deduz a parábola da metáfora. De acordo com essa tese, no fundo, a parábola e a metáfora têm a mesma forma, significando que o “é” ou o “não é” das metáforas seria correspondente ao “é como” ou ao “semelhante a” nas parábolas entre o plano de partida (metade real) e o plano da imagem (metade imagem). Porém, a tensão entre esses dois planos seria de caráter semântico. Berger apresenta várias objeções quanto a essa tese afirmando que, à metáfora, falta a engrenagem semântica entre os dois planos, a diferenciação temporal, além da introdução (ex. “com que hei de comparar...?”)

³⁵ STEIN, Robert H. **Guia básico para interpretação da Bíblia: interpretando conforme as regras**. Tr. Adão Pereira da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 145.

³⁶ COSTA, José Carlos de Lima. **Introdução aos livros poéticos**. Obra não publicada.

³⁷ TERRA, Ernani; NICOLA, José De. **Gramática e Literatura para o 2º grau**. Volume único. 8. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997. p. 251.

e do final (a aplicação). Para ele, então, a tese que reduz as parábolas a tipos de metáforas, revela um desconhecimento considerável da categoria “narrativa”.³⁸

Berger admite, entretanto, que a parábola e a metáfora têm em comum o fato de que, no plano de partida, falta a predicação. Ou seja, em ambas é dado apenas um objeto não-explicitado, ou uma situação a respeito da qual não se sabe “como é que é”. O elemento que requer uma predicação é denominado de objeto de partida (aquilo que pela parábola ou pela metáfora será elucidado, colocado numa nova luz, tornando compreensível ou pelo menos visível e esclarecido). Esse objeto pode apresentar diferentes formas lingüísticas (por exemplo: uma pessoa – “vós”; uma dimensão real – a “basiléia”; um dado caso – “Todo o que ouve estas minhas palavras e as põe em prática”, Mt 7.24; um tema da situação, citado no contexto – a murmuração dos fariseus e escribas, Lc 15.1-2; uma interrogação – “e quem é meu próximo?”), mas elas não podem ser resumidas como “situação”, precisando, portanto, diferenciá-las no sentido acima indicado.³⁹

Berger ainda defende que a parábola geralmente usa metáforas mais ou menos usuais como material de construção e que as transições entre o plano de partida e o plano da imagem podem ser indefinidas, de acordo com o público. Segundo ele, as metáforas que são usadas em parábolas podem se tornar independentes e ficar lexicalizadas. Para explicar esse termo, ele cita o exemplo de II Pd 3.10 que diz: “*a terra e suas obras serão achadas*”. E afirma que, embora ele seja um texto já isolado do material das parábolas, ele só pode ser entendido no plano de fundo oferecido pelas mesmas, uma vez que as parábolas sinóticas sobre a vinda do Senhor dizem que ele “acha” os seus servos vigiando, trabalhando (Mt 24.46; Mc 13.36; Lc 12.37-38) e as parábolas tradicionais sobre o ladrão se encontra no mesmo contexto. Isto significa que, no âmbito da tradição das parábolas sobre a parousia, “achar” tornou-se uma expressão técnica ao se falar sobre a matéria para o julgamento, por ocasião da parousia.⁴⁰

Como já abordado e constatado, o termo parábola compreende uma vasta extensão de significados, porém, um dos mais básicos é a comparação⁴¹, o que nos leva a verificar que todas as parábolas, naturalmente, apresentam um *elemento comparativo*. Esse elemento pode estar implícito ou explícito, de acordo com a realidade que se pretende ensinar.

³⁸ BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. Tr. Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 44.

³⁹ BERGER. Op. Cit., p. 44.

⁴⁰ Ibid., p. 45.

⁴¹ STEIN. Op. Cit., p. 147.

Nas parábolas de Jesus, por exemplo, quase todas aquelas relacionadas ao Reino de Deus, com exceção da parábola do semeador (Mt 13.3-9; Mc 4.3-9; Lc 8.4-8), que só no momento em que Jesus dá sua explicação (Mt 13.18-23; Mc 4.14-20; Lc 8.11-15) isso fica claro, trazem o elemento comparativo de maneira explícita com a frase: “*O reino dos céus é semelhante a ...*” (Mt 13.24; 31; 44; 45; 47; 18.23; 20.1; 22.2; 25.1). Além das parábolas em que o elemento comparativo é explícito, temos aquelas em que esse elemento está implícito, como no caso da parábola da ovelha perdida (Mt 18.12-14), a parábola dos dois filhos (Mt 21.28-32) e a dos lavradores maus (Mt 21.33-46).

No Antigo Testamento também temos exemplos, tanto de parábolas que explicitam o elemento comparativo, como é o caso da parábola proferida por Balaão ao povo de Israel: “*Eis que o povo se levanta como leoa e se ergue como leão;*” (Nm 23.24), quanto das que o ocultam, como é o caso da parábola proferida por Jotão ao povo de Siquém, onde as árvores escolhem um rei (Jz 9.8-15) e da parábola contada por Natã ao rei Davi (II Sm 12.1-4).

Outra característica geral das parábolas é que elas foram *construídas para serem memoráveis*. Elas foram contadas para chamar a atenção de quem às ouvia, para fazê-los entender que, de alguma forma, precisavam mudar de atitude. E, por isso, eram contadas de maneira tal que as pessoas poderiam facilmente gravá-las na memória, a fim de que não fossem esquecidas tão rapidamente.

A parábola da vinha má, que se encontra no livro do profeta Isaías (5.1-7), é um exemplo disso, pois, como se pode constatar no início do primeiro versículo (“*Agora, cantarei ao meu amado o cântico do meu amado a respeito da sua vinha.*”), foi proferida em forma de canção. De acordo com o comentário da Bíblia de estudo da mulher, este cântico pode ter sido cantado pelo próprio profeta Isaías durante uma das festas da colheita. Isto foi feito, provavelmente, por se tratar de uma mensagem que poderia ser facilmente rejeitada se fosse transmitida através de um sermão, ao passo que, como música, poderia ser aceita.⁴²

Além das parábolas registradas no Antigo e no Novo Testamento, é possível encontrar também, inúmeras parábolas nos escritos rabínicos de todos os tempos. Isto nos leva a crer que as parábolas fazem parte da história do povo hebreu e que muitas delas foram registradas e vão sendo conhecidas a cada nova geração trazendo ensinamentos importantes para todos, ficando assim, gravadas no coração e na memória de todos que têm contato com as mesmas, mas principalmente, na memória do povo que tanto utilizou esse gênero.

⁴² ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia de Estudo da Mulher: leitura, devocional e estudo**. Barueri-SP: Mundo Cristão e SBB, 2003. p. 866.

Quanto a essa questão, Herbert Lockyer entende que as parábolas apresentam inúmeras vantagens e que é possível provar que elas são muito eficazes, sendo um gênero atraente e, quando ela é completamente compreendida, é mais fácil de ser lembrada. Ela é de grande ajuda à memória, afinal de contas, o ser humano está mais inclinado a se lembrar de uma narração ou ilustração do que de qualquer outra coisa proferida em um sermão. Lockyer complementa: “A parábola pode ser lembrada muito depois de já termos esquecido o tema principal do sermão”.⁴³

⁴³ LOCKYER. Op. Cit., p. 18.

3. AS PARÁBOLAS EM JESUS

Tendo sido a parábola um método muito utilizado por Jesus em seus ensinamentos, acredita-se que há muitas particularidades que necessitam ser levadas em conta ao tratarmos desse tema, tanto que, a respeito disso, Herbert Lockyer afirma:

[...] as parábolas de Jesus são magníficas na aplicabilidade, na concisão, na beleza e no poder de atração. Embora Cristo não tenha criado o recurso didático da parábola, certamente o dotou de elevada originalidade, conferindo-lhe profunda importância espiritual, com dimensões até então desconhecidas.⁴⁴

Lockyer acrescenta ainda que em muitas das figuras de linguagem usadas por Jesus está contida a semente da parábola, mas também, que muitas outras, chamadas de parábolas, são simplesmente símiles ou comparações maiores.⁴⁵

Depois de apresentarmos algumas características gerais desse método, trataremos agora questões mais específicas das parábolas em Jesus. Abordaremos a seguir, sua origem e natureza, os principais tipos e as mais importantes características das parábolas empregadas por Jesus.

Pretendemos levantar como Jesus imprimiu sua marca pessoal nas parábolas que utilizou para ensinar a mensagem acerca do evangelho e do Reino de Deus.

⁴⁴ Ibid., p. 8.

⁴⁵ Ibid., p. 11.

3.1 ORIGEM E NATUREZA

O uso das parábolas certamente foi uma característica ímpar do ensino popular de Jesus que muito se utilizou desse método, porém, como já dissemos, ele não foi o criador de tal recurso didático. Desde a antiguidade as parábolas são utilizadas. Mesmo Jesus tendo contribuído para os escritos sagrados com inigualáveis parábolas e tendo, assim, elevado esse método ao mais alto grau, ele tinha conhecimento de sua existência milenar como modo de apresentar a verdade.

Tanto na região quanto na época de Jesus as parábolas eram, assim como as fábulas, um método popular de instrução amplamente empregado entre todos os povos orientais.⁴⁶ Ao apresentar o que diz o Dr. Salmond em seu livro *The parables of our Lord [As parábolas do nosso Senhor]*, Lockyer explica que a utilização desse tipo de linguagem exercia:

[...] atração especial sobre os povos orientais, para quem a imaginação era mais rápida e também mais ativa que a faculdade lógica. A grande família das nações conhecidas como semitas, aos quais pertencem os hebreus, junto com os árabes, os sírios, os babilônios e outras raças notáveis já demonstraram a especial tendência à imaginação, como também um gosto particular por ela.⁴⁷

Quando Jesus iniciou o seu ministério e se tornou mestre, Ele valorizou a parábola e a utilizou como veículo para anunciar as mais sublimes verdades. E mesmo sabendo que os judeus ilustravam suas doutrinas através de parábolas e comparações ele adotou essas formas de ensino e lhes deu renovação de espírito, o que lhe permitiu proclamar a transcendente glória e a excelência de seu ensino.⁴⁸ Roy Zuck, sobre isso, afirma que as parábolas eram um eficaz meio de comunicação, pois seu formato de história despertava o interesse dos ouvintes. Por serem baseadas na realidade, permitiam ao povo mergulhar nelas junto com Cristo. A curiosidade deles era aguçada pelo desejo de saber como a história se desenvolveria e terminaria.⁴⁹

⁴⁶ Ibid., p. 6.

⁴⁷ SALMOND, Principal. *Apud* LOCKYER. Op. Cit., p. 7.

⁴⁸ Ibid., p.7.

⁴⁹ ZUCK. Op. Cit., p. 230.

Lockyer defende ainda que Jesus, aquele que ensinou diversas coisas por meio de parábolas, é o mesmo que inspirou santos homens da parte de Deus a escreverem o Antigo Testamento, nos levando a encontrar uma mesma linha de raciocínio em todos os livros. Sendo assim, é possível perceber uma unidade nas Escrituras, pois muitas das parábolas, dos tipos e também das visões do AT acabam por ilustrar e esclarecer os do Novo. Diante disso, podemos crer que aqueles que ouviram as parábolas de Jesus tinham alguma percepção do ensino que geralmente servia de base para o ritual levítico e podiam assim identificar o sentido espiritual existente nas cerimônias que deveriam realizar. Para concretizar esse pensamento, ele cita os seguintes exemplos: a parábola da vinha do Senhor, contada por Isaías (Is 5.1-7), provavelmente lhes veio à mente quando Jesus contou a parábola dos lavradores maus, numa estrutura praticamente igual; a instrução acerca do que se fazer a respeito da ovelha perdida e encontrada (Dt 22.1-3) está refletida na parábola da ovelha perdida (Lc 15.3-7); a parábola do juiz iníquo se assemelha à experiência da sunamita que clamou ao rei por sua casa e por sua terra (II Rs 8.1-6); a compra do campo realizada por Jeremias (Jr 32) está conceitualmente vinculada à parábola do tesouro escondido (Mt 13.44); também, pode-se perceber um paralelo entre a visão da vestimenta do sumo sacerdote Josué (Zc 3) e a parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32); o Salmo 2 pode ser associado à parábola dos lavradores maus (Mc 12.1-12), etc.⁵⁰

Lockyer também afirma que o ensino através de parábolas, como método pedagógico, é de grande utilidade e possui muitas vantagens. Isto ocorre pelo fato de a parábola propiciar um teste ao caráter, cujo resultado pode ser punição ou bênção para aquele que ela confronta. As parábolas das Escrituras são muito proveitosas e isso se evidencia pelo fato de, além de ser atraente e fácil de lembrar, têm outras qualidades.⁵¹

Por exemplo, as parábolas *prestam grande auxílio à mente e à capacidade de raciocinar*. Isto acontece porque os significados encontrados nas parábolas precisam ser estudados. Elas são como uma mina de ouro que, para descobrir seu verdadeiro veio, é preciso escavá-la e buscá-la com toda diligência. O uso do pensamento era a chave para se encontrar o significado da parábola que, ao mesmo tempo em que atraía, peneirava a multidão.

⁵⁰ LOCKYER. Op. Cit., p. 27-28.

⁵¹ Ibid., p. 18.

Resumindo, a forma da parábola atraía a todos, porém, apenas aqueles que aplicavam com diligência o pensamento, é que entendiam o seu significado.⁵²

A parábola também *estimula os afetos e desperta as consciências*. Evidência disso é quando o inferno aparece numa parábola; ele é retratado “como uma fornalha de fogo e a consciência como um verme roedor”.⁵³ Entende-se que Lockyer está fazendo uma interpretação da parábola do rico e Lázaro (Lc 16.19-31), em que depois que morre, o rico aparece no inferno afirmando: “... *porque estou atormentado nessa chama*” (v. 24); ele também se preocupa com seus irmãos quando clama a Abraão: “*Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento*” (vv. 27-28)⁵⁴. O rico está atormentado pelo fogo do inferno e também está sendo consumido, corroído por sua consciência.⁵⁵ De acordo com o comentário da Bíblia de Estudo MacArthur, no versículo 24, “[...] Cristo retratou o inferno (*Hades*) como um lugar onde o indescritível tormento já havia começado. Entre as misérias relatadas aqui estão o fogo inextinguível, uma consciência acusadora alimentada por lembranças eternas de oportunidade perdida (v. 25) [...]”.⁵⁶

Outra qualidade das parábolas, é que elas *despertam e prendem a atenção*. As pessoas estavam sempre atentas as parábolas de Jesus, aqueles que as ouviam se mostravam maravilhados e até diziam: “Nunca ninguém falou como este homem”. Jesus sabia que precisava fazer o povo ouvi-lo, e conseguiu isso. Através dessa forma ele usava pronta e espontaneamente as sugestões que apareciam no momento. Assim, Jesus despertava e prendia a atenção de todos que estivessem à sua volta.⁵⁷

E ainda, a parábola *preserva a verdade*. Sobre essa qualidade em particular, Lockyer ressalta as palavras de Cosmo Lang que afirma:

Quando as pessoas pensam por si mesmas, nunca esquecem; o exercício da mente produz esse efeito. Além do mais, a linguagem dos símbolos – expressa por aquilo que o olho pode ver e construída na imaginação – é mais poderosa e de efeito mais duradoura do que a linguagem que utiliza somente palavras abstratas. Ela comunica

⁵² Ibid., p. 18.

⁵³ Ibid., p. 18.

⁵⁴ A partir desta referência, as demais citações bíblicas serão retiradas da: ALMEIDA Revista e atualizada.

⁵⁵ Posicionamento da autora.

⁵⁶ ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Revista e atualizada. Tr. The MacArthur Study Bible. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 1356.

⁵⁷ LOCKYER. Op. Cit., p. 18.

e traz de volta à mente o significado interior com rapidez e segurança; traz consigo uma mensagem rica em sugestões e associações.⁵⁸

Os símbolos usados para a vida e para a natureza, como aqueles que foram empregados pelo Senhor Jesus em suas parábolas, são tão duradouros quanto a própria natureza e a vida, embora as palavras mudem constantemente de significado.⁵⁹

Confirmamos, então, com isto, que Jesus, o Mestre dos mestres, era um profundo conhecedor de todo o contexto que o cercava, e ainda mais, das pessoas que o ouviam. E com uma enorme sabedoria, ele transformou esse conhecimento em uma comunicação acessível para todos os tipos de público. Ele conseguiu transmitir a preciosa mensagem do evangelho, através de sua vida e também de belíssimas e inesquecíveis parábolas. Jesus cresceu e se fortaleceu, encheu-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele (Lc 2.40).⁶⁰

3.2 TIPOS

As tentativas de classificar e agrupar as parábolas de Jesus em tipos são as mais variadas possíveis, pois os diversos autores que escrevem sobre o assunto as vêem sob pontos de vista diferentes. Então, apresentaremos a seguir, algumas dessas classificações, de acordo com o ponto de vista dos principais estudiosos da área.

Vamos iniciar com Simon J. Kistemaker. Este estudioso garante que no Novo Testamento a palavra parábola tem uma ampla conotação, incluindo formas de parábolas, as quais são divididas em três categorias: *parábolas autênticas*, *histórias em forma de parábolas* e *ilustrações*.⁶¹

As *parábolas autênticas* são aquelas contadas como um fato e com o verbo no presente. Elas geralmente utilizam um fato comum do dia-a-dia como ilustração e podem ser

⁵⁸ LANG, Cosmo Gordon. *Apud* LOCKYER. Op. Cit., p. 18-19.

⁵⁹ LOCKYER. Op. Cit., p. 19.

⁶⁰ Adaptação do texto bíblico feita pela autora.

⁶¹ KISTEMAKER, Simon J. **As Parábolas de Jesus**. Tr. Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992. p. 15.

facilmente compreendidas por qualquer pessoa que as ouça. A verdade transmitida é bem entendida, não havendo motivo para objeção ou crítica. Esse tipo de parábola começa retratando verdades evidentes a respeito da natureza e do homem, afinal, quem ainda não viu uma semente germinar (Mc 4.26-29); o fermento levedando uma massa (Mt 13.33); crianças brincando em uma praça (Mt 11.16-19; Lc 7.31-32); ou ainda, uma mulher que perde uma moeda dentro de casa (Lc 15.8-10) ou uma ovelhinha desgarrada do rebanho (Mt 18.12-14).⁶²

As *histórias em forma de parábolas* não se relacionam com uma verdade óbvia ou com um costume geralmente aceito; elas se referem a um acontecimento em particular que teve lugar no passado, e geralmente, à experiência de uma pessoa. O importante nessas histórias não é a narrativa, mas a verdade transmitida. Como exemplos, pode-se mencionar a parábola do joio (Mt 13.24-30); do administrador infiel (Lc 16.1-13); e, do juiz iníquo (Lc 18.1-8). Todas essas histórias relatam as experiências de pessoas concretas.⁶³

Já as *ilustrações*, como as que aparecem no evangelho de Lucas, por exemplo, geralmente são classificadas como histórias que servem de modelo ou exemplo. Dentre as parábolas ilustrativas, encontram-se, a do bom samaritano (10.30-37), do rico insensato (12.16-21), do rico e Lázaro (16.19-31), e, a do fariseu e o publicano (18.9-14). A diferença entre esse tipo de parábola e as histórias em forma de parábolas está no propósito, pois enquanto essas contêm exemplos a serem imitados ou evitados – afinal de contas, focalizam diretamente o caráter e a conduta de um indivíduo –, aquelas são analogias.⁶⁴

Ainda quanto à sua forma, Kenneth Bailey classifica as parábolas em seis diferentes tipos que, segundo ele, vão influenciar na hora da interpretação. Ele as classifica nas seguintes situações: *parábola em um diálogo teológico, em um evento narrativo, em uma história de milagre, em uma coleção topical, em um poema, e, a parábola sozinha*.⁶⁵

Bailey apresenta exemplos breves de cada um desses tipos.

1. A conversa entre Jesus e o jovem rico em Lc 18.18-30 é vista como uma discussão teológica. O clímax dessa discussão ocorre quando Jesus profere a parábola do camelo e da agulha. Essa parábola tem a importante função na formação do clímax

⁶² KISTEMAKER. Op. Cit., p. 16.

⁶³ Ibid., p. 16.

⁶⁴ Ibid., p. 16.

⁶⁵ BAILEY. Op. Cit., p. 14.

da discussão e não pode, de maneira nenhuma, ser isolada desta. Esse, então, é o exemplo da *parábola em um diálogo teológico*.

2. Para a *parábola em um evento narrativo* temos a parábola do credor e seus dois devedores, a qual funciona como parte do evento narrativo ocorrido no banquete na casa de Simão, o fariseu, em Lc 18.36-50. Existe diálogo, mas o centro de toda a cena são as ações dramáticas da mulher silenciosa que ungiu os pés de Jesus.
3. Bailey apresenta como *uma história de milagre*, a cura da mulher que tinha um espírito de enfermidade já há 18 anos (Lc 13.10-17). Ele defende que a parábola do boi e do jumento aparece como parte essencial do todo, embora também faça parte do debate teológico entre o chefe da sinagoga e Jesus, sobrepondo-se, portanto, também ao primeiro tipo citado.
4. Lc 11.1-13 apresenta *uma coleção topical*. Isso significa dizer que Jesus aborda o assunto da oração em vários tópicos, formando assim uma coleção. Dessa coleção faz parte a parábola do amigo importuno à meia-noite (vv. 5-8). Bailey, porém, observa que é necessário “[...] fazer uma cuidadosa distinção numa coleção como esta, entre as diferentes unidades de tradição que são incluídas em uma tradição”.⁶⁶
5. Também em Lc 11.9-13 encontramos *um poema* que foi cuidadosamente composto a respeito da oração. Na estrofe central deste poema Jesus apresenta três parábolas: “Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir [pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir] um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra? Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião? (vv. 11-12). A função dessas parábolas é criar um clímax, o qual é a chave para se entender todo o poema.
6. Em muitos casos, porém, encontramos a *parábola sozinha*. Em Lc 17.1-10 percebemos três tópicos rapidamente sucessivos que contém elementos parabólicos. Primeiramente, aparece a parábola da pedra do moinho (v. 2), seguida pelo tópico do julgamento do tentador; depois do pedido de fé pelos apóstolos vem a parábola do grão de mostarda (v. 6); e, após ela, finalmente, está a dramática parábola do servo obediente (vv. 7-9). Segundo Bailey, todas estas parábolas aparecem relativamente sozinhas, não havendo uma conexão clara com o que as rodeia, estando também ausente qualquer contexto específico.⁶⁷

⁶⁶ Ibid., p. 15.

⁶⁷ Ibid., p. 14-15.

Em sua abordagem, Bailey quer dizer que, com exceção das parábolas que se apresentam sozinhas, todos os outros tipos funcionam como parte essencial de uma unidade literária maior. Sendo que, em cada caso, o que precisa ser examinado para se poder entender do que se trata a parábola, é a unidade maior.⁶⁸

Ao falar sobre alguns princípios de interpretação da parábola, Zuck apresenta dois tipos de classificação: uma delas relacionada ao significado natural da história, que exemplificada, pode englobar mais de um tipo;⁶⁹ e a outra, relacionada ao tipo de situação que a originou.⁷⁰

Quanto ao significado natural da história, Zuck as classifica como: *parábolas sobre sementes* (ex: o semeador – Mt 13.3-8, o joio – Mt 13.24-30, etc.); *parábolas que tratam de aspectos da natureza* (ex: todas sobre sementes, a da figueira estéril – Lc 13.6-9, a da ovelha perdida – Lc 15.4-7, a da pérola de grande valor – Mt 13.45-46, etc.); *parábolas que tratam sobre servos* (são aquelas parábolas em que o senhor viaja e deixa os seus servos sozinhos, porém, ao retornar, recompensa os fiéis e/ou pune os maus, por exemplo: a dos dois servos – Mt 24.45-51, a das minas – Lc 19.11-27, etc; há também aquelas em que o servo viaja ou se ausenta, mas volta para apresentar-se ao seu senhor. Inesperadamente acontece o acerto de contas: a do credor incompassivo – Mt 18.23-35, a dos lavradores maus – Mt 21.33-46, a do administrador infiel – Lc 16.1-9, etc.); *parábolas sobre pais* (ex: os dois filhos – Mt 21.28-32, o filho pródigo – Lc 15.11-32, etc.); *parábolas tratando de reis* (ex: as bodas – Mt 22.1-14, a guerra precipitada do rei – Lc 14.31-33, etc.); *parábolas abordando sobre dinheiro ou tesouros* (ex: o tesouro escondido – Mt 13.44, o bom samaritano – Lc 10.25-37, etc.); *parábolas sobre colheitas* (ex: dos lavradores maus – Mt 21.33-46; v. 41, do joio semeado às escondidas – Mc 4.26-29, etc.); *parábolas que mencionam mulheres* (ex: das virgens – Mt 25.1-13, do juiz iníquo – Lc 18.1-8, etc.); *parábolas de teor social e doméstico* (ex: do amigo à meia-noite – Lc 11.5-8, do fariseu e o publicano – Lc 18.9-14, etc.); *parábolas que abordam o tema da compaixão* (ex: da grande ceia – Lc 14.15-24; v. 21, do bom samaritano – Lc 10.25-37; v. 33, etc.); *parábolas expressando regozijo* (ex: da ovelha perdida – Lc 15.4-7, da dracma perdida – Lc 15.8-10, etc.); *parábolas que mencionam celebrações* (ex: das bodas – Mt 22.1-14, da grande ceia – Lc 14.15-24, etc.); e, *parábolas demonstrando recusa* (ex: os lavradores maus – Mt 21.33-46 – que haviam sido contratados, se recusaram a tratar bem os

⁶⁸ BAILEY. Op. Cit., p. 15.

⁶⁹ ZUCK. Op. Cit., p. 239.

⁷⁰ Ibid., p. 244.

servos do proprietário, bem como seu filho, o que o levou a se recusar deixar a vinha aos cuidados daqueles lavradores; o dono da figueira estéril – Lc 13.6-9 – que não a quis deixá-la crescer; na grande ceia – Lc 14.25-24 – os convidados do banquete se desculparam por não comparecer e se recusaram a ir, etc.⁷¹

Para ter melhores condições de se entender a mensagem transmitida na parábola, de acordo com Zuck, é preciso que se compreenda a real situação descrita na mesma, dentro de todo o seu contexto cultural. Essa classificação, então, é importante porque nos permite, através da compreensão total do fato narrado, entender corretamente a verdade espiritual exemplificada por este contexto.⁷²

Na classificação, quanto ao tipo de situação ou finalidade, Zuck as agrupa em nove. São elas: *parábolas em resposta a perguntas; em resposta a pedidos; em resposta a críticas; contadas com propósito definido; sobre o reino, as quais são contadas porque Israel rejeitara Jesus como Messias; parábolas subsequentes a uma exortação ou a um princípio; seguidas de exortação ou princípio; que ilustram uma situação; e, as de finalidade implícita.*⁷³

Zuck argumenta que para se perceber melhor a analogia entre o caso relatado e a verdade espiritual que Jesus tentava transmitir, é preciso entender por que ele contou determinada parábola.⁷⁴ Então, vejamos exemplos de cada um desses tipos de parábola.

Nas *parábolas em resposta a perguntas* vemos que Jesus contou a parábola do remendo de pano novo em vestes velhas e do vinho novo em odres velhos (Lc 9.16-17). Ele a contou logo depois de ter sido indagado pelos discípulos de João: “... *Por que jejuamos nós, e os fariseus [muitas vezes], e teus discípulos não jejuam?*” (v. 14). O mestre proferiu a parábola do bom samaritano (Lc 10.30-37) e a parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16) em resposta a um perito na lei que perguntou: “... *Mestre, que farei para herdar a vida eterna?*” (Lc 10.25; cf. Mt 19.16) e “... *quem é o meu próximo?*” (Lc 10.29). Em resposta à pergunta de Pedro: “... *Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?*” (Mt 18.21), Jesus contou a parábola do credor incompassivo (vv. 23-35).⁷⁵

As *parábolas em resposta a pedidos* são também encontradas em algumas ocasiões. Quando Jesus orava em determinado lugar, um de seus discípulos lhe fez um pedido: “...

⁷¹ Ibid., p. 239-242.

⁷² Ibid., p. 238.

⁷³ ZUCK. Op. Cit., p. 244-248.

⁷⁴ Ibid., p. 242.

⁷⁵ Ibid., p. 244.

Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lc 11.1), diante do qual, ele ressaltou a insistência na oração, através da parábola do amigo importuno (vv. 5-8). A parábola do homem rico (Lc 12.16-21) foi contada quando um homem, no meio da multidão, pediu: “... *Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança*” (v. 13). Jesus não lhe atendeu ao pedido e ainda alertou seus ouvintes contra a cobiça (vv. 14-15).⁷⁶

Outro tipo de parábola é aquela proferida *em resposta a críticas*. Por exemplo, durante um jantar, quando uma mulher ungiu os pés de Jesus, ele percebeu a intenção do fariseu anfitrião, que pensava consigo mesmo: “... *Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora*” (Lc 7.39). Nesse momento, Jesus contou a história dos dois devedores (vv. 41-43). Também quando os fariseus murmuravam, dizendo: “... *Este recebe pecadores e come com eles*” (Lc 15.2), o Senhor proferiu as parábolas da ovelha perdida (vv. 3-7), da dracma perdida (vv. 8-10) e do filho pródigo (vv. 11-32), demonstrando com elas, que os pecadores precisavam ser “achados” espiritualmente.⁷⁷

Entre os tipos de *parábolas contadas com propósito definido* estão a do juiz iníquo (Lc 18.1-8), na qual Jesus mostra aos discípulos o dever de orar sempre e nunca esmorecer; a parábola do fariseu e do publicano (vv. 9-14), alertando aqueles que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros; e ainda, contou a parábola das dez minas (Lc 19. 11-27), por estar perto de Jerusalém e perceber que o povo esperava que o reino de Deus haveria de manifestar-se imediatamente.⁷⁸

Há também as *parábolas sobre o reino contadas porque Israel rejeitara Jesus como Messias*. O capítulo 12 do evangelho de Mateus relata o auge da rejeição dos fariseus em relação a Jesus, quando o acusaram de realizar milagres pelo poder de Satanás: “... *Este não expelle demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios*” (v. 24). É exatamente neste contexto de total rejeição por parte de muitas pessoas, em que somente tinham relação espiritual íntima com ele, aqueles que faziam sua vontade (vv. 48-50), que Jesus apresenta as sete (ou oito, como aponta Champlin⁷⁹) parábolas do reino, registradas em Mateus 13.⁸⁰

As *parábolas subsequentes a uma exortação ou a um princípio* ocorrem diversas vezes. Quando Jesus exortava ou tentava mostrar um princípio, imediatamente este tipo de

⁷⁶ Ibid., p. 245.

⁷⁷ ZUCK. Op. Cit., p. 245.

⁷⁸ Ibid., p. 245.

⁷⁹ CHAMPLIN. Op. Cit., p. 59.

⁸⁰ ZUCK. Op. Cit., p. 245-246.

parábola era contada para melhor ilustrar ou explicar as verdades contidas na exortação ou no princípio. Como exemplo desse tipo, observamos a parábola do porteiro (Mc 13.34-37) que Jesus contou após fazer um alerta: “*Estai de sobreaviso, vigiai [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo*” (v. 33). Após a declaração: “... *Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus*” (Lc 14.15), seguiu-se a parábola da grande ceia (vv. 16-24). A parábola dos dois servos (Mt 24.45-51) foi contada depois que Jesus exortou seus discípulos: “*Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá*” (v. 44).⁸¹

Temos muitos outros exemplos também das *parábolas seguidas de exortação ou princípio*. Após contar a parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20.1-15), Jesus ensinou: “... *Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão últimos [porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos]*” (v. 16). Para terminar a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.10-13), direcionada aos fariseus que se gabavam de sua própria justiça, Jesus explicou: “... *porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado*” (v. 14).⁸²

Dentre as *parábolas que ilustram uma situação*, está a parábola das duas casas (Mt 7.24-27), em que Jesus salienta que todo aquele que ouvia suas palavras e as praticava era comparado ao homem que construía a casa sobre a rocha (v. 24), e todo que era contrário aos seus ensinamentos e práticas, compara-se a quem constrói uma casa sobre a areia (v. 26). Jesus explicou que a falta de arrependimento leva à condenação eterna e contou a parábola da figueira estéril (Lc 13.6-9). Nela Ele sugere claramente a iminência do julgamento.⁸³

Para encerrar essa classificação, mencionamos as *parábolas com finalidade implícita*. A parábola dos talentos (Mt 25.14-30) não afirma seu propósito, mas parece falar do que se espera dos seguidores de Jesus durante a ausência do mesmo (v. 14), indicando que ele espera que seus discípulos o sirvam fielmente nesse período. Na parábola do joio (Mc 4.26-29) semeado às escondidas também não está expressa sua finalidade, porém, parece dar a entender um rápido aumento de cristãos nessa era, e isto porque ela se refere à ceifa ou julgamento (v. 29), além de ser seguida pela parábola do grão de mostarda (vv. 30-32).⁸⁴

⁸¹ Ibid., p. 246.

⁸² Ibid., p. 246-247.

⁸³ Ibid., p. 247.

⁸⁴ ZUCK. Op. Cit., p. 247-248.

Além das mencionadas acima existem outras formas de classificar as parábolas. Por exemplo, Sátilas do Amaral Camargo apresenta uma classificação dividida em três grupos, levando em conta o tempo e o lugar em que foram proferidas: *perto de Cafarnaum* ou junto ao mar da Galiléia (este tipo engloba as sete de Mateus 13 e uma de Marcos 4; nestas, o reino de Deus é apresentado como um todo); parábolas contadas durante a *jornada da Galiléia para Jerusalém* (elas apresentam os membros individuais desse reino); e, aquelas proferidas durante os *últimos dias em Jerusalém* (estas trazem o julgamento dos membros do reino).⁸⁵

Entendemos que todas essas classificações são importantes para algum tipo específico de interesse relacionado ao estudo das parábolas, mas destacamos as apresentadas por Zuck, quanto ao tipo de situação ou finalidade, justamente por concordar com seus argumentos. Esta opção está, obviamente, relacionada ao fato de compreendermos que quanto mais soubermos sobre a intenção de Jesus ao contar suas parábolas, melhor conseguiremos enxergar a verdade transmitida⁸⁶, bem como, perceberemos qual o seu verdadeiro propósito, sua verdadeira função, afinal de contas, este é o principal objetivo deste trabalho.

3.3 CARACTERÍSTICAS DAS PARÁBOLAS EM JESUS

Jesus, homem detentor de toda sabedoria, caracterizou suas parábolas de modo muito próprio, por isso, é fundamental que conheçamos, ao menos superficialmente, as principais características das parábolas de Jesus, utilizando para isso alguns exemplos.

De acordo com Claiton Kunz, há algumas características que são próprias das parábolas de Jesus. Baseado em outros autores, que também abordam o tema em questão, ele relaciona doze dessas características: *cotidiano, suspense, contraste, conflito, tríades, inversão, ênfase final, perguntas retóricas, evocação de resposta, extraordinário, exagero e detalhes irrelevantes*.⁸⁷ Algumas dessas características diferem da lista de aspectos literários das parábolas apontados por Zuck, o qual apresenta apenas dez: suspense, contraste,

⁸⁵ CAMARGO, Sátilas do Amaral. **Ensino de Jesus através de suas parábolas**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954. p. 25.

⁸⁶ ZUCK. Op. Cit., p. 242.

⁸⁷ KUNZ. Op. Cit., p. 26-29.

descrição, conflito, surpresa, hipérbole, inversão, ênfase final, discurso direto e perguntas retóricas. Para Zuck, esses aspectos “[...] demonstram o impacto incomum que as histórias de Jesus devem ter provocado nos que as ouviram”.⁸⁸

A característica do *cotidiano* pode ser detectada no fato de Jesus, em muitas situações, se utilizar de elementos da *natureza* para ilustrar suas parábolas, como no caso da parábola do semeador (Mc 4.1-9), da semente que se desenvolve secretamente (Mc 4.26-29), da semente de mostarda (Mc 4.30-32), e a parábola do joio (Mc 13.24-30). Ele também se utilizava *dos costumes familiares da vida diária*, e como exemplo, temos: a parábola do fermento (Mt 13.33), da ovelha perdida (Lc 15.3-10), das dez virgens (Mt 25.1-13), etc. Ele empregou, ainda, *acontecimentos bem conhecidos de história recente* (Lc 19.14). Além disso, algumas vezes, o Mestre se utilizava de *acontecimentos ocasionais ou contingências não improváveis*, como ocorre nas parábolas do juiz injusto (Lc 18.2-8), dos trabalhadores na vinha (Mt 20.1-16), do filho pródigo (Lc 15.11-32), etc.⁸⁹

Também relacionado a essa característica do *cotidiano* Zuck afirma que as parábolas de Jesus falavam de aspectos comuns, e por isso, prendiam a atenção dos ouvintes. Jesus falou, por exemplo, de comércio (pescador, construtor, mercador, dinheiro, juros, dívidas, tesouros, patrão, credor, coletor de impostos, administrador, etc.); de agricultura e pecuária (fazendeiro, pastor, ovelhas, solo, sementes, árvores, colheita, celeiros, figueiras, etc.); utilizou aspectos domésticos (casas, elementos da cozinha – fermento e comida, alfaiataria, moedas, serviços domésticos – varrer –, viúva, odres, porteiro, etc.); ele ainda fez menção a eventos sociais (um casamento, um banquete, damas de honra, um anfitrião e convidados, etc.); e citou elementos religiosos (um sacerdote, um levita, um samaritano e um fariseu) e civis (juiz, rei e guerra).⁹⁰

O *suspense* é outra característica que normalmente aparece nas parábolas de Jesus. Os ouvintes/leitores sempre se punham a imaginar o que aconteceria com os personagens ao desenrolar da história. Eles poderiam imaginar, por exemplo, o que fará o fazendeiro com aqueles arrendatários que mataram seus servos e seu filho (Mt 21.33-46)? O que fará o rei ao convidado que não estava apropriadamente trajado para as bodas (Mt 22.1-14)? E, ainda, o que fará o terceiro transeunte ao ferido, caído à beira da estrada, se o sacerdote e o levita se

⁸⁸ ZUCK. Op. Cit., p. 236.

⁸⁹ TASKER, R. V. G. **Parábola** In: DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Volume 2. Tr. João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 1201-1202.

⁹⁰ ZUCK. Op. Cit., p. 230.

negaram a ajudá-lo (Lc 10.25-37)?⁹¹ Essa característica das parábolas de Jesus permite-nos observar que nenhum ouvinte ficava completamente alheio ao que estava sendo dito, pois ao menos pela curiosidade ele era atraído.

Há também, uma enormidade de *contrastos* nas parábolas do mestre que acabavam por despertar o interesse dos ouvintes e dos leitores. Nelas podemos ver: uma casa edificada sobre a rocha e outra edificada sobre a areia; peixes bons e peixes ruins; cinco virgens prudentes e cinco néscias; um servo fiel e outro servo mau; o vinho novo e os odres velhos; roupa nova e roupa velha; semente em solo bom e semente em solos ruins, etc.⁹²

Zuck também aponta uma infinidade de *conflitos* nas parábolas de Jesus. Podemos citar como exemplo o caso de conflito entre os homens que trabalharam por uma hora apenas e os que trabalharam o dia inteiro (Mt 20.1-16); as cinco virgens prudentes que se recusaram a fornecer o azeite para as cinco virgens néscias (Mt 25.1-13); o homem que insistia com o amigo que já tinha se deitado (Lc 11.5-8); a viúva persistente e o juiz iníquo (Lc 18.1-8); e, ainda, o caso do conflito entre o filho pródigo e o pai e entre o filho pródigo e o irmão mais velho (Lc 15.11-32).⁹³

De acordo com Simon Kistemaker, a *tríade* é outro detalhe bem interessante que pode ser verificado nas parábolas, pois muitas delas são compostas por três personagens ou por três elementos principais. Como exemplo dessa característica, temos: a parábola do filho pródigo – em que aparece o pai, o filho mais moço e o filho mais velho; a parábola das dez virgens – o noivo, as cinco virgens prudentes e as cinco virgens tolas; a parábola do credor incompassivo – o rei, o devedor maior e o devedor menor; a parábola dos dois filhos – o pai, o filho obediente e o filho desobediente; etc.⁹⁴

A *inversão* é também uma característica que pode ser frequentemente constatada nas parábolas de Jesus. Segundo Jacques Dupont, normalmente as parábolas começam concedendo vantagem ao ponto de vista que será finalmente desfavorecido e, dessa forma, Jesus vai ao encontro do seu interlocutor e entra em sua maneira de ver. O interlocutor, por sua vez, sente-se compreendido e se deixa levar sem dificuldade. A partir de então, o aspecto das coisas se modifica e surge uma nova perspectiva do fato apresentado, melhor que a

⁹¹ Ibid., p. 231.

⁹² Ibid., p. 231-232.

⁹³ Ibid., p. 233.

⁹⁴ KISTEMAKER, Simon J. *Apud* KUNZ. Op. Cit., p. 27.

anterior. Desse modo, o interlocutor, que assim deve convir, acha-se envolvido num novo modo de ver a situação.⁹⁵

Sobre a *ênfase final*, Kistemaker afirma que não é o começo das parábolas que diz o que é importante, e sim, o seu final. E também, que a importância recai ou sobre a última pessoa mencionada, ou o último feito, ou a última declaração. Assim, a parábola é elaborada de tal modo, que toda ênfase é deliberadamente posta em seu “efeito final”. Foi, por exemplo, o samaritano (último personagem a surgir na cena) que aliviou a dor do homem ferido e não o sacerdote ou o levita.⁹⁶

Nas parábolas de Jesus há a ocorrência de outra característica que acaba por estimular os ouvintes/leitores a responderem mentalmente aos desafios que o Mestre lhes propõe: as *perguntas retóricas*. Na parábola da ovelha perdida o Senhor pergunta: “*Qual dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?*” (Lc 15.4); e na parábola da moeda perdida ele faz uma pergunta semelhante: “*Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente, até encontrá-la?*” (Lc 15.8). Quando Jesus contou a parábola do servo bom e do servo mau ele já iniciou perguntando: “*Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?*” (Mt 24.45); ao falar das crianças mal-educadas: “*A que, pois, compararei os homens da presente geração, e a que são eles semelhantes?*” (Lc 7.31).⁹⁷

Para Gordon D. Fee e Douglas Stuart as parábolas com histórias não servem simplesmente para ilustrar o ensino prosaico de Jesus com palavras ilustrativas e nem são contadas como veículos ilustrativos para revelar a verdade, muito embora acabem fazendo isso, mas elas funcionam como um meio de *evocar uma resposta* por parte dos ouvintes, ou seja, elas são contadas para dirigirem-se aos ouvintes e cativá-los, com o fim de fazê-los parar e pensar acerca de suas próprias ações, ou até, de levá-los a dar alguma resposta a Jesus a ao Seu ministério.⁹⁸

⁹⁵ DUPONT, Jacques. *Apud KUNZ*. Op. Cit., p. 27.

⁹⁶ KISTEMAKER. *Apud KUNZ*. Op. Cit., p. 27.

⁹⁷ ZUCK. Op. Cit., p. 235.

⁹⁸ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** *Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 124-125.

Kunz postula ainda a característica do *extraordinário* nas parábolas contadas por Jesus. Para este autor, que endossa a tese de Pedro Gilhuis, embora muitas parábolas pareçam histórias simples e claras, nelas sempre acontece algo fora do comum, o que leva o ouvinte a certas perguntas. Todo esse contexto (extraordinário) ajuda a achar a verdade central da parábola. Por exemplo, quem deixaria noventa e nove ovelhas para procurar uma que se perdera? Ou, quem ficaria semeando, enquanto três quartos das sementes são lançados sobre solo improdutivo? Ou, ainda, que pai aguardaria com tamanha paciência um filho que pôs a perder metade dos bens da família? Porém, estas parábolas ressaltam o fato de que Deus realmente age de maneira diferente do modo como os seres humanos normalmente agiriam.⁹⁹

O *exagero* é outra característica que aparece em algumas parábolas do Mestre galileu. Mesmo sendo histórias que retratam o cotidiano, o exagero contido em algumas parábolas é deliberado, a fim de ressaltar algum aspecto ou fato. Por exemplo, os dez mil talentos que aparecem na parábola do credor incompassivo (Mt 18.23-35), segundo qualquer cálculo, é uma soma astronômica de dinheiro, incompatível com uma dívida particular.¹⁰⁰

Por fim, Kunz apresenta a característica dos *detalhes irrelevantes*, também presente nas parábolas de Jesus de acordo com Kistemaker. Em muitas ocasiões, questiona-se por que são deixados de lado inúmeros detalhes que deveriam fazer parte da narrativa de uma parábola. Como exemplo, temos: por que, na parábola das dez virgens, é apresentado o noivo, mas se ignora completamente a noiva? Na verdade, pormenores como esse não são relevantes na composição das parábolas.¹⁰¹ Kunz finaliza essa abordagem enfatizando que, a partir desse pano de fundo, é que surge “o princípio de que nunca se deve questionar aquilo que a parábola não responde, para não se incorrer em erros”.¹⁰²

Todos esses aspectos ou características aqui apresentadas nos fazem perceber as inúmeras particularidades desse gênero e também nos mostram o quanto as parábolas mexeram com o imaginário das pessoas que as ouviram da boca do próprio Jesus, e o quanto elas ainda podem mexer com aqueles que as lêem hoje. As parábolas sempre irão provocar algum tipo de reação nas pessoas, estejam elas puramente ligadas à curiosidade ou as façam mudar de atitude verdadeiramente. Porém, para que se percebam alguns dos elementos destacados acima é importante também que se compreenda o contexto histórico cultural no

⁹⁹ GILHUIS, Pedro. *Apud* KUNZ. Op. Cit., p. 28.

¹⁰⁰ KISTEMAKER, Simon J. **Parábolas de Jesus**. In: ELWELL, W. A. (Ed). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. *Apud* KUNZ. Op. Cit., p.28.

¹⁰¹ KISTEMAKER. *Apud* KUNZ. Op. Cit., p.28.

¹⁰² KUNZ. Op. Cit., p.29.

qual a parábola foi originalmente composta e contada. Este fato ressalta a necessidade do estudo sério dos elementos, tanto internos quanto externos, que constituem as parábolas de Jesus.

4. A FUNÇÃO DAS PARÁBOLAS NO ENSINO DE JESUS

Depois de definirmos parábola e de analisarmos alguns fundamentos básicos e importantes pontos para a compreensão do que realmente é uma parábola, finalmente chegamos ao ponto principal deste trabalho, que é compreender a função das parábolas contadas por Jesus. Ou seja, tendo em vista o amplo emprego que Jesus fez das parábolas, objetiva-se aqui entender com que intenção Jesus as utilizou em seu ministério.

De acordo com o que está registrado no evangelho de Mateus 13.34-35 – *“Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação [do mundo]”* e, também em Mc 4.33-34 – *“E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes. E sem parábolas não lhes falava; tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos”*, observa-se que Jesus se comunicou prioritariamente através de parábolas para que se cumprisse a profecia veterotestamentária. Porém, estes textos também nos revelam que essa comunicação tinha o propósito de expor a palavra aos ouvintes.

A maioria dos autores pesquisados concorda que as parábolas têm duas importantes funções, e é exatamente sobre essas duas finalidades básicas que procuraremos discorrer aqui. Abordaremos a função que as parábolas de Jesus desempenham de revelar e a função de ocultar a verdade do evangelho.

Comumente, afirma-se que as parábolas revelam a verdade aos seguidores de Jesus, e a ocultam ‘aos de fora’. Esta declaração aparece em Mc 4.11, quando Jesus responde aos seus discípulos sobre o porquê de falar em parábolas.

Na tentativa de melhor esclarecer cada uma dessas funções, apresentaremos a tese de alguns estudiosos da área, sendo que grande parte deles concorda exatamente com esses

posicionamentos acima citados, procurando fundamentar suas ideias através de textos bíblicos pertinentes.

4.1 A FUNÇÃO DE REVELAR

A primeira função das parábolas proferidas por Jesus é a de revelar a verdade. De acordo com Virkler, entretanto, essa revelação é apenas para os crentes, e isso, baseado no que diz o próprio Jesus aos seus discípulos quando lhe perguntaram por que ele falava ao povo por meio de parábolas: “... *Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus...*” (Mt 13.11a); “... *A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus...*” (Mc 4.11a).¹⁰³

Virkler afirma que as parábolas têm o poder de deixar uma impressão duradoura em seus ouvintes, por isso, elas são muito mais efetivas que um discurso comum. Deste modo, ao invés de Jesus simplesmente ter dito para seus discípulos serem persistente em sua vida de oração, o que logo cairia no esquecimento, ele narrou a história de uma viúva que continuamente rogava a um juiz injusto que a ajudasse, até que ele finalmente a atendeu fazendo-a parar com suas queixas. Depois disso, o Senhor ensinou a lição desta parábola, mostrando que se até um juiz iníquo, que não se importa com uma viúva, foi levado a agir mediante persistente rogativa, quanto mais um amoroso Pai celestial responderá àqueles que são persistentes em suas orações.¹⁰⁴

Ao falar sobre o sentido das parábolas, Jeremias afirma que:

As parábolas de Jesus, tomadas como um todo, não só estão transmitidas de modo seguro, como também, à primeira vista, constituem um material totalmente sem problemas. Levam os ouvintes a um mundo que lhes é familiar, tudo é tão simples e claro, ao ponto de o ouvinte não poder dar outra resposta senão: Sim, de fato é assim!¹⁰⁵

¹⁰³ VIRKLER. Op. Cit., p. 126.

¹⁰⁴ Ibid., p. 126.

¹⁰⁵ JEREMIAS. Op. Cit., p. 9.

Jeremias, porém, mostra que as parábolas levantam uma difícil problemática: qual seria, então, o sentido original das parábolas? De acordo com o autor, as parábolas sofreram alguns desvios de interpretação já nos primeiros decênios depois da morte de Jesus. O que aconteceu é que se começou a tratar as parábolas como alegorias¹⁰⁶, atribuindo-se a cada detalhe um sentido profundo especial.¹⁰⁷ Vários foram os fatores que contribuíram para essa alegorização, que se estendeu por séculos e formou um “espesso véu sobre o sentido das parábolas”.¹⁰⁸

Jeremias ressalta, ainda, que no princípio pode ter existido um desejo inconsciente de achar nas simples palavras de Jesus em sentido mais profundo, fato que acontecia no meio helenístico, no judaísmo helenístico e, conseqüentemente, era de se esperar que também acontecesse no meio cristão. No entanto, o fato principal que ele considera ter contribuído para a adoção dessa linha alegorizante é a *teoria do endurecimento* (Mc 4.10-12). Os versículos 11b e 12 deste texto, no seu contexto atual, registram que Jesus teria falado em parábolas para ocultar aos de fora o mistério do reino de Deus e endurecê-los.¹⁰⁹ Esta afirmação levou muitos a entender que as parábolas teriam um sentido oculto, que só poderia ser entendido através da alegoria.

Jeremias, nega o fato de que o texto acima mencionado se restrinja à função das parábolas proferidas por Jesus. Jeremias defende que, de modo geral, já foi reconhecido pela pesquisa que o mesmo era originalmente um dito tradicional independente e que, primeiramente, foi Marcos que o inseriu no capítulo das parábolas. Esse acontecimento se deu por conta da palavra grega *παραβολή*, que, na fala de Jesus, corresponde à palavra aramaica *matla*, que, como já mencionado na sessão que trata da etimologia, possui vários sentidos, podendo significar tanto parábola quanto enigma. O autor citado acima argumenta que na

¹⁰⁶ Ibid., p. 9.

¹⁰⁷ Um conhecido exemplo de alegorização é o que Agostinho fez da Parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). Para ele, o homem que caiu nas mãos dos salteadores é Adão; Jerusalém é o céu e Jericó representa a condição mortal do ser humano; os salteadores são o diabo e seus anjos, que roubam a imortalidade da vítima. Com a surra que lhe deram, persuadiram-no a pecar e, quando o abandonaram semimorto, o diabo e seus anjos deixaram o ser humano num estado em que ele tem certa consciência de Deus ao mesmo tempo em que é oprimido pelo pecado. O sacerdote simboliza a lei e o levita os profetas; o bom samaritano é Cristo que, ao tratar dos ferimentos do homem, procura restringir o pecado; o azeite representa a esperança e o vinho o espírito fervoroso; o jumento é a encarnação de Jesus, e o fato do homem ser colocado sobre o jumento retrata sua fé na encarnação de Cristo; a hospedaria é a igreja; o dia seguinte simboliza a ressurreição de Cristo; as duas moedas representam os dois princípios do amor, ou então, esta vida e ávida futura; o hospedeiro é o apóstolo Paulo (ZUCK. Op. Cit., p. 249).

¹⁰⁸ JEREMIAS. Op. Cit., p. 9.

¹⁰⁹ Ibid., p. 9-10.

passagem em questão (Mc 4.11b-12), *παραβολή* tem, sem sobra de dúvida, o sentido de enigma. Sendo assim, refere-se, não apenas às parábolas propriamente ditas, mas a toda a pregação de Jesus sobre o tema de que o reino de Deus já está a irromper-se, o qual só é compreensível àqueles que crêem, mas para os que não crêem este fato permanece enigmático. Por tudo isso, Jeremias conclui que, esse texto não dá o direito de procurar atrás das parábolas de Jesus, um sentido oculto e misterioso só compreensível através da interpretação alegórica.¹¹⁰

Para Kistemaker, as parábolas nos mostram que Jesus estava perfeitamente familiarizado com os múltiplos aspectos e significados da vida humana e, por isso, suas parábolas retratam a vida de homens, mulheres e crianças; falam do pobre e do rico; mostram os que são marginalizados e os que são exaltados. Através de todo esse conhecimento da amplitude da vida humana Jesus era capaz de ministrar a todas as camadas sociais. Seus ensinamentos eram adequados ao nível daqueles que o ouviam, pois ele falava a linguagem do povo.¹¹¹

Ainda segundo Kistemaker, Jesus usava parábolas porque tinha a intenção de tornar sua linguagem acessível ao povo, para ensinar a palavra de Deus às multidões, para chamar ao arrependimento e à fé os que o ouviam, para desafiar aqueles que criam a transformar em atos as palavras e, ainda, para exortar seus seguidores a permanecerem atentos.¹¹² O autor, acima citado, afirma que:

Jesus usou as parábolas para comunicar a mensagem de salvação de um modo claro e simples. Seus ouvintes podiam, prontamente, entender a história do filho pródigo, dos dois devedores, da grande ceia e do fariseu e o publicano. Através das parábolas, eles identificavam Jesus como o Cristo que ensina com autoridade a mensagem redentora do amor de Deus.¹¹³

Kistemaker também menciona o texto de Mc 4.11-12 que, segundo ele, nos leva ao conhecimento de que a interpretação das parábolas era feita em particular, no círculo dos discípulos. Ele questiona se Jesus, que foi enviado por Deus para proclamar a redenção dos homens caídos e pecadores, esconde essa mensagem através de parábolas incompreensíveis?

¹¹⁰ Ibid., p. 10-11.

¹¹¹ KISTEMAKER. Op. Cit., p. 19.

¹¹² Ibid., p. 19.

¹¹³ Ibid., p. 19.

Colocando de outro modo, será que as parábolas são um tipo de enigma compreendido apenas pelos iniciados?¹¹⁴

Kistemaker discorda de Jeremias e critica sua tese afirmando que as regras da exegese não apóiam a interpretação feita por ele, afinal, a menos que o próprio evangelista revele um significado diferente para uma palavra do texto, ela deve conservar o mesmo sentido através de toda passagem. E sustenta que as palavras deste texto devem ser entendidas num contexto mais amplo, no qual o escritor as colocou. Assim, segundo ele, é necessário atentar para o capítulo anterior (Mc 3), onde Marcos relata que Jesus encontrou descrença, blasfêmia e oposição direta, e no versículo 22, foi até acusado de estar possuído por Belzebu e de expelir demônios, pelo príncipe dos demônios.¹¹⁵

Compreende-se então, que os que recebem a mensagem das parábolas são os que fazem a vontade de Deus e, isso, porque pertencem à família de Jesus (Mc 3.35). Já aqueles que tentam destruí-lo (Mc 3.6) não conhecem a salvação por causa da dureza de seus corações. Isto quer dizer que o contraste apresentado por Jesus se dá entre os que acreditavam e os que não acreditavam, entre os seus seguidores e os que a Ele se opunham, entre os que aceitavam e os que rejeitavam a revelação de Deus. Por tudo isto, Kistemaker afirma:

É uma questão de fé e descrença. Os que acreditam ouvem as parábolas e as recebem com fé e entendimento, mesmo que a completa compreensão venha, apenas, gradualmente. Os incrédulos rejeitam as parábolas porque elas são estranhas à sua maneira de pensar. Recusam-se a perceber e entender a verdade de Deus. Assim, por causa de seus olhos cegos e seus ouvidos surdos, privam a si mesmos da salvação proclamada por Jesus, e trazem sobre si mesmos o julgamento de Deus.¹¹⁶

Para Zuck, revelar verdades a seus seguidores (Mc 4.11a) era uma das finalidades das parábolas de Jesus. Mesmo parecendo que essas finalidades são contraditórias, ele afirma que “... a resposta a esse dilema deve residir no caráter dos ouvintes”.¹¹⁷ Os seguidores do Senhor Jesus compreendiam o significado das parábolas porque estavam abertos para ele e para suas verdades.¹¹⁸

¹¹⁴ Ibid., p. 20.

¹¹⁵ KISTEMAKER. Op. Cit., p. 20.

¹¹⁶ Ibid., p. 20.

¹¹⁷ ZUCK. Op. Cit., p. 229-230.

¹¹⁸ Ibid., p. 229.

Dewey M. Mulholland declara que Jesus, ao empregar suas parábolas tinha propósitos variados. Por meio delas, ele pretendia instruir sobre a natureza do governo de Deus; estimular a fé e a participação no reino de Deus; formar atitudes e mudar comportamentos. Além disso, as parábolas treinam seus seguidores e advertem aqueles que o rejeitam. Mulholland enfatiza que Jesus, ao mesmo tempo, reconhece totalmente que cada pessoa ouve de acordo com seu próprio conjunto de referências. Sendo assim, algumas pessoas estão preparadas pelos ensinamentos anteriores e por uma atitude receptiva em relação a Jesus; já outros (“os de fora” Mc 4.11b), estão predispostos a contestar suas palavras. Estes dois grupos formam, com frequência, a audiência das parábolas de Jesus.¹¹⁹

Mulholland chega à conclusão de que Jesus, não somente usa as parábolas para inúmeros propósitos, como também, em muitas ocasiões Ele:

[...] as utiliza como um míssil com uma ogiva múltipla destinado a atacar as consciências de diferentes pessoas em diferentes níveis. A parábola penetra nossas defesas, entrando em nossas consciências, passando por nossos pensamentos, e subitamente explode em lugares diferentes: atingindo um preconceito aqui, uma dúvida ali, uma falta de vontade acolá, e um medo em algum outro lugar.¹²⁰

Alguns autores, entre eles Lockyer, não afirmam que as parábolas tenham a função de ocultar e revelar, mas acreditam que as tais objetivam iluminar, exortar e edificar. Lockyer ratifica que Jesus se dirigiu tanto aos seus discípulos quanto aos fariseus, seus inimigos, através do uso de parábolas, com o fim de convencer aqueles e condenar estes. Assim, Jesus respondeu aos seus discípulos dizendo-lhes que “... falava em parábolas por causa da diversidade de caráter, de nível espiritual e de percepção moral de seus ouvintes (Mt 13.13)”.¹²¹ A tola insensibilidade dos líderes religiosos os impedia de compreender a verdade profunda e espiritual que Jesus lhes apresentou em forma de parábola. Também não perceberam que estas, eram os melhores instrutores daqueles que estão cheios da palavra de Deus; e mais, elas ensinam e valorizam as coisas da paz eterna.¹²²

¹¹⁹ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. Tr. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 78-79.

¹²⁰ MULHOLLAND. Op. Cit., p. 78-79.

¹²¹ LOCKYER. Op. Cit., p. 20.

¹²² Ibid., p. 19-20.

Também abordando acerca do propósito das parábolas, Champlin critica a posição dos hipercalvinistas, que muito têm explorado o texto de Mc 4.10-12, visando enfatizar que Jesus usava parábolas com o fim de ocultar a verdade, em vez de revelá-la. Champlin, porém, acredita que esse texto deva ser considerado no contexto de julgamento. Com frequência, os ouvintes de Jesus se mostraram hostis às suas palavras. Embora Jesus ainda não tivesse sido crucificado, ele foi rejeitado naquela altura do seu ministério. A verdade foi, então, escondida daqueles que se recusavam a ouvir e vê-la. Segundo Champlin, isto acontece por que:

Quando algum ensino espiritual é rejeitado, o rejeitador torna-se mais calejado do que antes, embora com menos desculpas pela sua atitude. Deixar de compreender a Cristo é deixar de compreender as suas verdades; mas ele veio buscar e salvar (Lc 19.10), o que significa que ele deve ter vindo para ensinar claramente aos homens o caminho da salvação. Não é concebível que Ele tenha vindo para enganar àqueles por quem morreu (I Jo 2.2). Isto posto, quando os homens mal entendiam a Cristo, isso era consequência das atitudes negativas deles, um aspecto da lei da colheita segundo a sementeira.¹²³

Percebe-se, então, que este é o posicionamento dos autores pesquisados, em que Jesus tinha a intenção de facilitar, de aclarar, de revelar a verdade através de suas parábolas. Porém, somente foram capazes de entendê-la aqueles que o receberam e se propuseram a segui-lo de todo coração.

Nesta constatação faz-se notório, portanto, o pensamento de que Jesus intencionava revelar as verdades espirituais do seu reino através das parábolas que contava, tanto que as mesmas se revestiam de elementos e situações bem conhecidas de todas as pessoas que o ouviam, ficando assim, mais fácil fazer a ponte, a comparação entre elas e o conceito espiritual apresentado. Eles compreendiam, entretanto, como não reconheciam nem aceitavam a Jesus, o Cristo, não respondiam positivamente às suas parábolas. Contudo, acreditamos ser esta a reação que Jesus esperava dos homens, Ele desejava uma reação de fé, esperança e amor.

¹²³ CHAMPLIN. Op. Cit., p. 63.

4.2A FUNÇÃO DE OCULTAR

A outra função das parábolas empregadas por Jesus é a de ocultar a verdade. Para Virkler, além das parábolas esclarecerem, e até, acentuarem verdades espirituais para os crentes, elas têm outro objetivo, que parece ser oposto ao primeiro. Fundamentado nos textos de Mt 13.10-15, Mc 4.11-12 e Lc 8.9-10, em que o próprio Jesus explica porque falava por parábolas, o autor afirma que as mesmas ocultam a verdade daqueles que endurecem o coração contra elas.¹²⁴

Baseado nos mesmos textos, Zuck, confirma que a outra finalidade das parábolas é ocultar a verdade “aos de fora” (Mc 4.11b). Para ele, os doutores da lei revelaram o endurecimento de seus corações porque já haviam expressado sua incredulidade e rejeitado Jesus (Mc 3.22). Desta forma eles não tinham condições de compreender o significado das parábolas do Senhor. Eles estavam cegos por sua incredulidade e rejeição então, quando Jesus falava por parábolas, os escribas geralmente não captavam seu sentido.¹²⁵

Cheung é radical em afirmar que é equivocada a explicação popular de que Jesus usou as parábolas com o intuito de tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender para a sua audiência. E até critica pregadores que afirmam que Deus sempre torna mais simples as coisas, mostrando que ele usou as parábolas enquanto ensinava às multidões, utilizando coisas da vida diária para explicar-lhes verdades espirituais. Alguns desses pregadores até encorajam seus companheiros ministros a serem mais imaginativos e divertidos ao comunicar a mensagem pelo uso de narrações e parábolas em seus sermões.¹²⁶

Cheung explica que nem os próprios apóstolos seguiram a prática de Cristo de utilizar parábolas, o que indica ser desnecessário para os ministros de hoje usufruir desses chamados métodos criativos durante a pregação. Além do mais, ao usar parábolas, Jesus tinha um propósito distinto, mas não era tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender.¹²⁷

A justificativa de Cheung para fundamentar essa afirmação está no fato de que nem os próprios discípulos entenderam se quer a parábola fundacional, que é a parábola do semeador

¹²⁴ VIRKLER. Op. Cit., p. 127.

¹²⁵ ZUCK. Op. Cit., p. 229.

¹²⁶ CHEUNG. Op. Cit., p. 4.

¹²⁷ Ibid., p. 4-5.

(Mc 4.3-20), até que Jesus a explicasse para eles. O versículo 10, que afirma: “*Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas*”, nos mostra claramente essa realidade. Deste modo, percebemos que nem os discípulos mais íntimos, inclusive os doze, entenderam esta parábola. No versículo 13, Jesus: “*Então lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?*”. O Mestre afirma que ao falhar em entender essa parábola a pessoa falhará também em entender todas as outras; por isso ela é fundacional. Então, para Cheung, dizer que Jesus usou parábolas para tornar as verdades espirituais mais claras e fáceis de entender é um completo engano. Ele complementa:

Visto que foi através do discurso claro que Jesus foi capaz de revelar sua grandeza aos discípulos, isso implica que a figura de linguagem frequentemente obscurece sua grandeza. Quando Jesus falava em parábolas, muitas pessoas na audiência não podiam entendê-lo, e, portanto, falhavam em apreciar a largura e a profundidade dos discernimentos divinos em suas palavras. Mas quando Jesus falava claramente, aqueles que ouviam podiam mais rapidamente reconhecer o conhecimento e autoridade que ele possuía.¹²⁸

Cheung lembra ainda que os discípulos falharam também em entender a parábola do joio no campo (Mt 13.24-30). Para ele, o texto de Jo 16.29-30 mostra que os discípulos entendiam mais facilmente os ensinamentos de Jesus quando ele falava em discurso claro, ao invés de em parábolas, e que, provavelmente, eles falharam em entender muitas, ou a maioria, das parábolas que Jesus proferiu até que Ele as interpretasse. Contudo, a grande maioria dos ouvintes não teve a oportunidade de ouvir as explicações dadas por Jesus, até porque, Ele as explicou privadamente aos discípulos. Analisando porque os discípulos interrogam Jesus sobre o uso de parábolas (Mt 13.10), acreditamos que estes reconheciam que, assim como eles, as pessoas não podiam entendê-las. Esse questionamento levou Jesus a admitir que o uso das parábolas, realmente evitava que muitas pessoas entendessem seus ensinamentos, e que essa era, de fato, a sua intenção (Mt 13.11, 13-14). Cheung, então, afirma que:

Jesus usou parábolas principalmente, não para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender; antes, o próprio oposto era verdade, de forma que pelo menos uma das razões pelas quais ele usou parábolas foi para obscurecer o significado de

¹²⁸ Ibid., p. 5-6.

seus ensinios. [...] Mateus 13.13-14 [...] cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão’. Assim, Jesus usou parábolas como os meios pelos quais ele ocultaria as verdades espirituais daqueles a quem Deus tinha ordenado que permanecessem sem iluminação. Em contraste, Jesus falou em parábolas para que por meio *das explicações* dessas parábolas a indivíduos selecionados, ele concedesse entendimento espiritual àqueles a quem Deus tinha ordenado serem iluminados. [...] as parábolas podem ajudar o crescimento espiritual de alguém que busca a Deus visto que essa pessoa precisa submergir nas parábolas e suas explicações. Por outro lado, essas parábolas impedirão uma pessoa cuja mente não foi aberta por Deus, visto que ela não buscará sincera e diligentemente o entendimento espiritual como alguém cuja mente foi aberta por Deus. Contudo, se as “parábolas requerem muito pensamento para captar seu significado”, por que muitas pessoas pensam que elas são mais fáceis de entender? [...]. A resposta é que as parábolas parecem mais fáceis de entender do que elas realmente são porque a Bíblia inclui as interpretações de muitas delas, e essas explicações não estavam disponíveis àqueles que primeiramente ouviram as parábolas com a exceção dos discípulos mais íntimos de Jesus.¹²⁹

Cheung é um dos poucos autores pesquisados que defende, veementemente, que as parábolas foram proferidas por Jesus com o propósito único da ocultação, e que só foram entendidas pelos discípulos porque ele as explicou em secreto.

Refletindo ainda sobre essa afirmação de que Jesus utilizou as parábolas com o intuito de ocultar a verdade, Kunz confirma que, de fato, quando se fala nas parábolas do Senhor Jesus, exista uma pergunta decorrente. Afinal, teriam “elas uma intenção positiva ou negativa? Elas eram um veículo de revelação ou de ocultação? Aclaravam ou obscureciam os ensinios que Jesus queria comunicar?”. Para Kunz essa “dificuldade surge dos textos básicos de Mt 13.10-17, Mc 4.10-12 e Lc 8.8-10”.¹³⁰

A questão da ocultação está na afirmação de Jesus em Mc 4.11b e 12: “... *mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles*”. Kunz afirma que a declaração do versículo 12, que faz alusão a Is 6.9-10: “*Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo*”, requer toda nossa atenção, pois é o auge da resposta de Jesus. Ele defende que da mesma forma que o insucesso da pregação de Isaías não foi um acidente, não seria também com Jesus. Muitos não criam, porém, ele sabia que, como em Is 6.13: “*Mas,*

¹²⁹ Ibid., p. 6-7.

¹³⁰ KUNZ. Op. Cit., p. 21.

se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco”, “um novo povo de Deus se formaria como centro da nova raça humana”.¹³¹

Kunz concorda com o posicionamento de Adolf Pohl e reconhece que essa é realmente uma palavra dura, mas que, de maneira alguma, ela ensina que uma parte dos ouvintes da pregação da Jesus está condenada sem motivo, de forma aleatória. E explica que Isaías pregava a um povo que preferia ser destruído a se voltar para Deus (Is 1.5-6). Por esse motivo, Deus lhes enviou o seu oficial de justiça. Ou seja, Deus, através de Isaías, fez com que essas pessoas permanecessem o que eram, culpadas. Elas necessitavam ver que estavam perdidas em si mesmas, mas esse processo não poderia e não deveria ser encurtado por uma conversão comum. Então, o próprio Deus bloqueou o retorno. No início do versículo 11 Isaías pergunta: “... *até quando, Senhor?*”, se referindo há quanto tempo duraria aquela tarefa. No mesmo versículo, e no seguinte, a resposta: “... *Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo*”. Essa resposta implica que a tarefa duraria até que chegasse ao seu pleno êxito, isto é, até que a velha árvore caísse e desse lugar a um novo broto (v. 13). “Assim, a palavra de Deus mata para vivificar. Um dia, os surdos haveriam de ouvir e os cegos de ver (Is 42.20; 43.8)”.¹³²

Entretanto, Kunz, semelhantemente a Kistemaker¹³³, defende que, apesar de tudo, isso não significa que Jesus, enviado por Deus para proclamar a redenção dos pecadores, escondeu a mensagem do evangelho através de parábolas incompreensíveis. Ele argumenta que os versículos em foco devem ser compreendidos num contexto bem mais amplo, em que, por exemplo, no capítulo 3 de Marcos, Jesus encontra muita descrença, blasfêmia e uma oposição direta, sendo, inclusive, acusado de expelir demônios pelo príncipe dos demônios (v. 22). O contraste que Jesus apresenta se dá entre seguidores e oponentes. Entre quem aceitava e quem rejeitava a revelação de Deus. Por isso, baseando-se na declaração de Jo 3.3: “... *se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus*”, Kunz acredita que se pode declarar que só recebe a mensagem das parábolas aqueles que pertencem à família de Jesus e fazem a vontade de Deus (Mc 3.35); quem tenta destruir Jesus (Mc 6.3) não conhece a salvação, pois

¹³¹ Ibid., p. 22.

¹³² POHL, Adolf. *Apud* KUNZ. Op. Cit., p. 22-23.

¹³³ KISTEMAKER. Op. Cit., p. 20.

seu coração é duro.¹³⁴ O que Jesus queria era uma resposta positiva das pessoas ao ouvir a parábola. Sua motivação não era o desejo de levar seus ouvintes “à percepção de alguma verdade profunda e mística, mas a uma resposta decisiva de arrependimento, fé, esperança e amor”.¹³⁵

Em seu livro de introdução e comentário do evangelho de Mateus, R. V. G. Tasker, quando comenta o capítulo 13, afirma que, assim como Marcos (4.10-12, 33, 34) e Lucas (8.9-10), Mateus também registra de maneira explícita o porquê Jesus falava em parábolas. Mas, para Tasker, o traço mais importante e distintivo neste capítulo é o fato de que o evangelista, mediante as palavras de Jesus, registradas nos versículos de 10-15, deixa claro, diferentemente de Marcos e Lucas, que Jesus adotou propositalmente o método de ensino por meio de parábolas. Porém, isso aconteceu num particular estágio de seu ministério e, com a finalidade de reter a mais ampla verdade sobre Si mesmo e sobre o reino do céu, privando dessa verdade, as multidões que se mostraram surdas às suas reivindicações e que não responderam aos seus apelos. Antes disso, Jesus usou as parábolas como meras ilustrações, as quais tinham o sentido evidenciado pelo contexto em que eram ditas (como acontece em 6.24-27). Depois disso, Jesus passa a falar à multidão incrédula somente em parábolas (v. 34), e, privadamente, as interpreta para os seus discípulos.¹³⁶

Tasker lembra também que apenas Mateus diz que os discípulos, notadamente surpresos com esta nova atitude de Jesus, perguntaram por que ele falava por parábolas. A resposta de Jesus, empregando uma linguagem similar à de Isaías ao falar acerca de seus contemporâneos (Is 6.9-10), foi que se tratava de mistérios relacionados ao reino dos céus. Estes não podiam ser compreendidos por aquelas pessoas que “olhavam para Ele com seus olhos, mas nunca entendiam o significado da sua Pessoa, e ouviam com seus ouvidos seus ensinamentos, mas permaneciam surdos para as suas implicações”. Isto significava que quando este povo “ouvisse uma palavra sobre o reino, esta seria para eles uma história interessante, mas sem objetivo, não comunicando nenhuma revelação da verdade divina”.¹³⁷

¹³⁴ KUNZ. Op. Cit., p. 23.

¹³⁵ WALLACE, D. H. *Interpretación de parabolas*. In: TURNBULL, R. G. *Hermenêutica*. Apud KUNZ. Op. Cit., p. 23-24.

¹³⁶ TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 107-108.

¹³⁷ TASKER. Op. Cit., p. 108.

De acordo com Tasker, os discípulos, ao contrário do povo, já haviam percebido algo sobre o caráter sobrenatural do seu Mestre e do reino que ele havia vindo inaugurar. Isso significa, portanto, que Jesus:

[...] podia explicar-lhes a verdade encarnada nessas parábolas, como de fato fez nas interpretações das parábolas do semeador e do joio, aqui registradas. O resultado foi que as suas capacidades de compreensão espiritual se desenvolveram e os mistérios do reino se lhes tornaram mais claros; e no caso deles houve outra ilustração da proverbial verdade de que *ao que tem se lhe dará, e terá em abundância*; justamente como no caso das multidões foi também demonstrada a verdade complementar de que *ao que não tem, até o que tem lhe será tirado*. Daí os discípulos poderiam ser descritos como Jesus os descreve no versículo 17, como um grupo feliz dos que viam e ouviam o que os profetas e santos de Israel tanto desejaram ver e ouvir, e de fato não tinham visto nem ouvido, porque morreram antes da chegada da era do cumprimento e antes de concretizar-se o reino de Deus.¹³⁸

Portanto, a maioria dos autores acima citados, embora de maneiras diferentes, defendem que uma das intenções de Jesus ao utilizar as parábolas era a de esconder a verdade do seu reino, era o propósito da ocultação. Porém, enquanto uns acreditam que esse ocultar era apenas para ‘os de fora’, aqueles que não eram seus seguidores, outros crêem que era para todos, e que os discípulos só compreenderam a verdade porque tiveram as explicações de Jesus em particular.

Apesar disto, acredita-se que Jesus, o maior Mestre de todos os tempos, não intentava propositadamente ocultar a verdade das pessoas, contudo, percebe-se que isso aconteceu. Afirma-se, entretanto, que a questão da ocultação não está propriamente dita na intenção de Jesus, mas na reação e no coração das pessoas. Isto significa dizer que todos aqueles que não o receberam e não deram importância à sua mensagem não puderam entendê-la. A verdade estava-lhes oculta por causa da rejeição, evitando assim, que eles percebessem a mensagem de salvação anunciada através das parábolas. O que implica, afinal de contas, que todo indivíduo que não se interessar por Jesus e pela mensagem, por Ele anunciada, continuará sem entender a verdade do evangelho contida nas parábolas proferidas por Jesus.

¹³⁸ Ibid., p. 108.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, conclui-se que o objetivo, aqui proposto, foi alcançado, pois, analisou-se e esclareceu-se o uso das parábolas e as duas principais funções a elas relacionadas. Além disso, trabalhou-se também seus elementos básicos, essenciais para uma identificação positiva das parábolas. Isso se deu através da apresentação da etimologia da palavra, da explicitação de definições de autores diversos e da identificação de características gerais das parábolas. Mostrou-se ainda, especificamente, as parábolas em Jesus, explanando com clareza sua origem e natureza, explicando e exemplificando seus diversos tipos de classificação e suas principais características.

Apesar da complexidade das parábolas – afinal não existe consenso nem mesmo quanto ao número das que Jesus proferiu e se encontram nos evangelhos – pode-se entender que Jesus tinha sim a intenção de revelar as verdades do seu reino espiritual aos homens, que veio buscar e salvar, e não simplesmente aos seus seguidores. Ele não queria ocultar essa verdade aos de fora, mas de fato isso veio a acontecer, não porque ele tivesse essa intenção, mas por causa da dureza do coração dos homens. Todas aquelas pessoas que rejeitaram a Jesus acabaram se tornando incapazes de perceber quem Ele era e qual a verdadeira mensagem que ele veio trazer.

A questão de entender ou não as verdades espirituais do reino de Deus estava, portanto, no caráter dos ouvintes, e ainda está no caráter dos leitores hoje. Aquele que não aceitar a Jesus como seu Senhor e Salvador, como o Messias prometido de Deus, jamais compreenderá a mensagem do reino celestial, essencial para a salvação de todo pecador.

Acredita-se, então, que Jesus almeja a salvação de todos os homens e as parábolas, proferidas por Ele, têm o propósito de levar essa mensagem a todo coração sedento por Deus, a todo coração que o busca com sinceridade e amor.

Entende-se ainda, que da mesma maneira que o auditório original das parábolas de Jesus teve a oportunidade de se salvar, através do reconhecimento de Cristo, o Salvador, e, conseqüentemente, da compreensão da verdade que as parábolas apresentavam, hoje não é diferente. Pois temos de igual modo, o privilégio de conhecer a Cristo através das Sagradas Escrituras, que, por sua vez, também nos dão livre acesso às parábolas contadas por Jesus.

Tais parábolas ainda conservam a mesma mensagem, por Ele anunciada, permitindo-nos, então, uma compreensão do Reino de Deus e garantindo-nos, assim, a salvação que é dada gratuitamente por meio de Cristo Jesus a todos os pecadores que o receberem em suas vidas. Porém, reconhece-se também que a verdade estará oculta, ou melhor, que ela não fará nenhum sentido, para todo aquele que não responder positivamente a Cristo e a sua mensagem, registrada inclusive nas parábolas, assim como não fez nenhum sentido para o auditório original.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia de Estudo da Mulher: leitura, devocional, estudo.** Revista e atualizada. Tr. Neyd V. Siqueira. et. al. Barueri-SP: Mundo Cristão e Sociedade Bíblica do Brasil, 2003. 1704 p.

_____. **Bíblia de Estudo MacArthur.** Revista e atualizada. Tr. The MacArthur Study Bible. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 2048 p.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à Hermenêutica Reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos.** Ananindeua-PA: Knox Publicações, 2006. 428 p.

BAILEY, Kenneth E. **As Parábolas de Lucas - a poesia e o camponês: uma análise literário-cultural.** Tr. Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995. 381 p.

BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento.** Tr. Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 366 p.

BORTOLLETO, Fernando. **Dicionário Brasileiro de Teologia.** São Paulo-SP: ASTE, 2008. 1048 p.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (edit). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Tr. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

CAMARGO, Sátilas do Amaral. **Ensino de Jesus através de suas parábolas.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1954. 189 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** Volume 5. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 6 volumes.

CHEUNG, Vincent. **As Parábolas de Jesus.** Tr. Felipe Sabino de Araújo Neto. São Paulo: Vida Nova, 2001. 58 p.

DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Volume 2. Tr. João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1991. 1680 p.

FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** *Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. 2. ed. São Paulo-SP: Vida Nova, 2008. 330 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa. Escolar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 790 p.

JEREMIAS, Joachim. **As Parábolas de Jesus**. Tr. João Rezende Costa. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986. (Nova Coleção Bíblica). 238 p.

KISTEMAKER, Simon J. **As Parábolas de Jesus**. Tr. Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992. 308 p.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações**. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. 83 p.

LOCKYER, Herbert. **Todas as Parábolas da Bíblia: uma análise detalhada de todas as parábolas das Escrituras**. Tr. Mardônio Nogueira e Fabiani Medeiros. São Paulo: Vida, 2005. 484 p.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. Tr. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2006. 240 p.

STEIN, Robert H. **Guia básico para interpretação da Bíblia: interpretando conforme as regras**. Tr. Adão Pereira da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 224 p.

TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2005. 229 p.

TERRA, Ernani; NICOLA, José De. **Gramática e Literatura para o 2º grau**. Volume único. 8. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997. 464 p.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. Tr. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo-SP: Vida, 2001. 197 p.

WAGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998. 414 p.

ZUCK, Roy B. **A Interpretação Bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tr. César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.